

AS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE: NOVAS APRENDIZAGENS OU CENTROS DE CONVÍVIO

Marta Sofia Moreira de Almeida

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

MARÇO, 2012

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, realizada sob a
orientação científica da Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva.

Ítaca

Se partires um dia rumo a Ítaca
Faz votos de que o caminho seja longo
repleto de aventuras, repleto de saber.
Nem lestrigões, nem ciclopes,
nem o colérico Posidon te intimidem!
Eles no teu caminho jamais encontrarás
Se altivo for teu pensamento
Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito. Tocar
Nem lestrigões, nem ciclopes
Nem o bravio Posidon hás-de ver
Se tu mesmo não os lewares dentro da alma
Se tua alma não os puser dentro de ti.
Faz votos de que o caminho seja longo.
Numerosas serão as manhãs de Verão
Nas quais com que prazer, com que alegria
Tu hás-de entrar pela primeira vez um porto
Para correr as lojas dos fenícios
e belas mercancias adquirir.
Madrepérolas, corais, âmbares, ébanos
E perfumes sensuais de toda espécie
Quanto houver de aromas deleitosos.
A muitas cidades do Egipto peregrinas
Para aprender, para aprender dos doutos.
Tem todo o tempo Ítaca na mente.
Estás predestinado a ali chegar.
Mas, não apresses a viagem nunca.
Melhor muitos anos lewares de jornada
E fundeares na ilha velho enfim.
Rico de quanto ganhaste no caminho
Sem esperar riquezas que Ítaca te desse.
Uma bela viagem deu-te Ítaca.
Sem ela não te ponhas a caminho.
Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.
Ítaca não te iludiu
Se a achas pobre.
Tu te tornaste sábio, um homem de experiência.
E, agora, sabes o que significam Ítacas.

Constantino Kavafis (1863-1933)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todas aquelas pessoas que colaboraram comigo para conseguir elaborar esta dissertação.

A Deus por me dar a oportunidade de estar num país maravilhoso onde tenho aprendido muitas coisas.

Aos meus pais e a minha irmã pelo ânimo e o apoio incondicional que sempre me têm dado, por fazerem de mim quem sou e por me prepararem para a vida.

A João Batista porque sempre esteve pronto para me dar uma palavra de alento.

A Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva pela sua orientação e porque acreditou em mim.

A minha colega e amiga Neide Rodrigues porque as suas palavras sempre me encheram de força para continuar.

A Maria Isabel Lopes de Goes du Bocage e Noélia Almeida por sempre estarem dispostas para me ajudarem.

Aos meus alunos da USILA e ULTI pela sua colaboração e boa disponibilidade.

RESUMO

Este trabalho insere-se no âmbito do estudo da Terceira Idade portuguesa e de como esta interatua com a língua espanhola nas Universidades da Terceira Idade.

Os principais objetivos do estudo foram: conhecer a diferença entre os diversos conceitos de Terceira Idade, estabelecer a diferença existente entre as Universidades da Terceira Idade e os Centros de Convívio, definir a importância e o impacto da aprendizagem ao longo da vida no idoso e explicar a função duma segunda língua, neste caso o espanhol, como um instrumento para interagir com outras culturas.

O trabalho foi desenvolvido em duas partes.

A primeira parte refere-se à fundamentação teórica do tema a investigar: a Terceira Idade, conjuntamente com a aprendizagem ao longo da vida e as Universidades da Terceira Idade. A Terceira Idade vai ser uma etapa mais da vida do homem, a forma de encarar depende de diversos aspetos em que pode estar inserido o idoso e também das suas condições físicas e mentais. A aprendizagem ao longo da vida permite que os indivíduos obtenham autonomia individual e capacidade para desempenhar a sua vida quotidiana, aprendendo assim em qualquer momento da vida. As Universidades da Terceira Idade são espaços onde decorre o processo de ensino e aprendizagem, onde a diversidade cultural proporciona o intercâmbio de conhecimentos e vivências, onde se consegue retardar o processo do envelhecimento e onde a solidão e o afastamento são palavras que não têm cabimento. A língua espanhola vai proporcionar a Terceira Idade a capacidade de expansão da sua personalidade e do conhecimento de culturas que tenham como língua oficial o espanhol.

A segunda parte da investigação apresenta os resultados obtidos depois de aplicado um questionário a 52 alunos matriculados na ULTI e na USILA. Da análise dos resultados surgiram vários aspetos como por exemplo a melhoria da qualidade de vida dos idosos, a aceitação da Terceira Idade como uma etapa mais da vida do homem e o intercâmbio de conhecimentos como uma forma de conviver e interatuar com outros indivíduos pertencentes à mesma geração.

A terceira parte apresenta as conclusões obtidas depois de realizado o estudo, conjugando assim todo o contexto teórico com as respostas dadas pelos alunos nos questionários.

PALAVRAS – CHAVE:

- Terceira Idade;
- Aprendizagem ao longo da vida;
- Universidades da Terceira Idade;
- Aprendizagem duma segunda Língua.

RESUMEN

Este trabajo se introduce en el ámbito del estudio de la Tercera Edad portuguesa y de cómo ésta interactúa con la lengua española en las Universidades de la Tercera Edad.

Los principales objetivos de estudio fueron: conocer la diferencia entre los diversos conceptos de Tercera Edad, establecer la diferencia que existe entre una Universidad de la Tercera Edad y un Centro de Convivencia, definir la importancia y el impacto del aprendizaje a lo largo de la vida en el adulto mayor y explicar la función de una segunda lengua, en este caso el español, como un instrumento para interactuar con otras culturas.

El trabajo fue desarrollado en dos partes.

La primera parte se refiere a la fundamentación teórica del tema a investigar: la Tercera Edad, conjuntamente con el aprendizaje a lo largo de la vida y las Universidades de la Tercera Edad. La Tercera Edad va a ser una etapa más de la vida del hombre, la forma de encararla depende de diversos aspectos en los cuales puede estar incluido el adulto mayor y también de las condiciones físicas y mentales. El aprendizaje a lo largo de la vida permite que los individuos obtengan autonomía individual y la capacidad para desempeñar su vida cotidiana, aprendiendo así en cualquier momento de la vida. Las Universidades de la Tercera Edad son espacios donde se desarrolla el proceso de enseñanza y aprendizaje, donde la diversidad cultural proporciona el intercambio de conocimientos y vivencias, donde se consigue retardar el proceso de envejecimiento y donde la soledad y el alejamiento son palabras que no tienen la más mínima cabida. La lengua española va a proporcionar la capacidad de expansión de su personalidad y del conocimiento de culturas que tengan como lengua oficial el español.

La segunda parte de la investigación presenta los resultados obtenidos después de aplicado el cuestionario a 52 alumnos inscritos en la ULTI y la USILA. Del análisis de los resultados surgieron varios aspectos como por ejemplo la mejora de la calidad de vida de los adultos mayores, la aceptación de la Tercera Edad como una etapa más de la vida del hombre y el intercambio de conocimientos como una forma de convivir e interactuar con otros individuos que pertenecen a la misma generación.

La tercera parte presenta las conclusiones obtenidas después de realizado el estudio, conjugando así todo el contexto teórico con las respuestas dadas por los alumnos en los cuestionarios.

PALABRAS – LLAVE:

- Tercera Edad;
- Aprendizaje a lo largo de la vida;
- Universidades de la Tercera Edad;
- Aprendizaje de una segunda lengua.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I PARTE - Fundamentação Teórica	3
1. TERCEIRA IDADE	3
1.1. Conceito e sua evolução	3
1.2. O seu entendimento na atualidade	6
1.3. O contributo das novas disciplinas	8
2. APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA	11
2.1. Definição	11
2.2. Declaração de Hamburgo	13
2.3. Pertinência	15
3. EDUCAÇÃO NA TERCEIRA IDADE	17
3.1. Processo de alfabetização	17
3.2. Processo de desenvolvimento	19
3.3. Processo infinito	20
4. AS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE	23
4.1. Génesis das Universidades da Terceira Idade	23
4.2. As Universidades da Terceira Idade na actualidade	24
5. APRENDER ESPANHOL NA TERCEIRA IDADE	32
5.1. Aprender uma segunda língua	32
5.2. Evolução da aprendizagem de uma segunda língua	37
5.3. Aprender para quê	38
II PARTE - Estudo Empírico	40
1. Introdução	40
2. Metodologia	40
3. Instrumentos e procedimentos da recolha de dados	41
4. Participantes	42
5. Análise e Discussão dos Resultados	42

6. Limitações	47
III PARTE Conclusões e Recomendações	48
1. Conclusões	48
2. Recomendações	49
BIBLIOGRAFIA	50
ANEXOS	53
Anexo 1. Idades dos Participantes	54
Anexo 2. Estado Civil dos Participantes	55
Anexo 3. Limitações de Saúde dos Participantes	56
Anexo 4. Formação Académicas dos Participantes	56
Anexo 5. Profissões dos Participantes na vida ativa	57
Anexo 6. Médios de Informação dos Participantes	58
Anexo 7. Idiomas que falam ou conhecem os participantes	59
Questionário	60

INTRODUÇÃO

São muitos os autores que têm definido a Terceira Idade. Mas quando é que ela começa? Começa fisicamente aos 65 anos mas mentalmente só quando o indivíduo assim o dispor. Para muitos é a melhor época da sua vida, para outros o aproximar do fim. A velhice tem sido alvo de estigmas pela sociedade desde longa data, mas já é tempo de mudar esta forma de pensar. A velhice deve deixar de ser sinónimo de decadente ou de doente. A Terceira Idade é o amadurecimento de ideias e o repositório de conhecimentos.

A Terceira Idade cada vez mais tende a ser uma geração ativa no desempenho de responsabilidades, que ainda lhe são confiadas e que na tentativa de ser independente e autónoma frequenta as Universidades da Terceira Idade.

Desde a antiguidade, o conceito de velhice tem-se ido transformando ao longo do tempo. Em princípio, ser velho era ser o depositário de conhecimentos, da verdade, da experiência, mas nos nossos dias é colocado de parte porque já deu o melhor de si. Recentemente, as novas gerações estavam assumindo posições medievais pelo facto de manter afastados os idosos porque já não possuem as capacidades e competências que um dia tiveram. A velhice faz parte do processo da formação de todo ser humano. Negar a velhice é nos negar a nós próprios como indivíduos.

Os nossos idosos passaram por diversas situações durante toda a sua existência, por esta razão têm riqueza de conhecimentos empíricos que a vida lhes tem dado. Os idosos merecem ser olhados duma forma diferente pelos membros da sociedade.

Certamente o envelhecimento está relacionado com o deterioro físico e biológico do ser humano, mas existem formas de retardar tais efeitos, uma delas é através da aprendizagem ao longo da vida e da exercitação do pensamento. Derivado da necessidade que existe na atualidade de retardar os efeitos do envelhecimento, surgiram novas ciências que procuram apoiar o prolongamento da vida e também da própria qualidade de vida, por exemplo a gerontologia, a geriatria e a gerontologia educativa.

Outro instrumento que retarda o processo de envelhecimento entre dos idosos são as Universidades da Terceira Idade, onde se põe em prática o processo de ensino e aprendizagem entre alunos e professores e onde a aprendizagem ao longo da vida é o melhor instrumento para dinamizar as aulas, porque não existe uma data específica para adquirir conhecimentos. Em sociedades como as de hoje, que estão em constante mudança, a educação permanente outorga autonomia nos idosos e a oportunidade de serem aceites pelo contexto que os rodeia.

A educação na Terceira Idade passou por três grandes períodos, um de alfabetização, outro de desenvolvimento e um de permanência, sendo este último período no qual estão inseridos os idosos que são alunos das Universidades da Terceira

Idade. Portanto as novas aprendizagens na velhice funcionam como um incentivo para a vida e como um instrumento que possibilita a aquisição de qualidade de vida no idoso.

Na atualidade existem Universidades da Terceira Idade em diversos países, por exemplo em França, Bélgica, Canadá, Espanha, Suécia, Japão, Uruguai, Venezuela, Chile, Colômbia, Equador, México, Brasil, Reino Unido, Austrália, Alemanha, Portugal, Itália, Polónia, Nova Zelândia e Estados Unidos. Mundialmente valoriza-se cada vez mais o idoso devido aos diferentes estudos feitos que demonstram que a população idosa tem uma grande tendência a aumentar nos próximos 50 anos. Este é o motivo pelo qual as novas gerações começam a dar valor os idosos porque *“é a ponte entre o passado e o presente, como o jovem é uma ponte entre o presente e o futuro”*. Quando o idoso frequenta uma Universidade da Terceira Idade é porque é autónomo, tem capacidade de decisão e é independente.

As Universidades da Terceira Idade são centros de formação holística, que concedem a oportunidade de formar os alunos em diversas áreas, tanto humanísticas como científicas sem esquecer as línguas estrangeiras, as quais têm sido alvo de atenção dos idosos. A aprendizagem do Espanhol não só permite pôr em ação diversos mecanismos mentais, também possibilita os idosos para que possam conhecer outras culturas e interagir com membros de outras sociedades produzindo a expansão da personalidade e o crescimento como indivíduos das novas coletividades.

I PARTE - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. TERCEIRA IDADE

Idosa é uma pessoa que tem muita idade. Velha é a pessoa que perdeu a jovialidade.
 A idade causa degenerescência das células. A velhice causa degenerescência do espírito.
 Por isso nem todo idoso é velho e há velho que ainda nem chegou a ser idoso.
 Você é idoso quando sonha. É velho quando apenas dorme.
 Você é idoso quando ainda aprende. É velho quando já nem ensina.
 Você é idoso quando pratica desportos, ou de alguma forma se exercita.
 É velho quando apenas descansa.
 Você é idoso quando o dia de hoje é o primeiro do resto de sua vida.
 É velho quando todos os dias parecem o último da longa jornada.
 Você é idoso quando o seu calendário tem amanhã.
 É velho quando o seu calendário só tem ontens.
 O idoso é aquela pessoa que tem tido a felicidade de viver uma longa vida produtiva,
 De ter adquirido uma grande experiência. Ele é a ponte entre o passado e o presente,
 Como o jovem é uma ponte entre o presente e o futuro.
 E é no presente que os dois se encontram.
 Velho é aquele que tem carregado o peso dos anos
 Que em vez de transmitir experiências às gerações vindouras
 Transmitem pessimismo e desilusão.
 Para ele, não existe ponte entre o passado e o presente,
 Existe um fosso que o separa do presente pelo apego ao passado.
 O idoso se renova a cada dia que começa. O velho se acaba a cada noite que termina.
 O idoso tem planos. O velho tem saudades.
 O idoso curte o que resta da sua vida. O velho sofre o que o aproxima da morte.
 O idoso se moderniza, dialoga com a juventude, procura compreender os novos tempos.
 O velho se emperra no seu tempo, se fecha na sua ostra e recusa a modernidade.
 O idoso leva uma vida ativa, plena de projetos e de esperanças.
 Para ele o tempo passa rápido, mas a velhice nunca chega.
 O velho cochicha no vazio de sua vida e suas horas se arrastam destruídas de sentido.
 As rugas do idoso são bonitas porque foram marcadas pelo sorriso.
 As rugas do velho são feias porque foram vincadas pela amargura.
 Em resumo, idoso e velho, são duas pessoas que até podem ter a mesma idade no cartório,
 Mas têm idade bem diferente no coração.
 Se você é idoso, guarde a esperança de nunca ficar velho.

Jorge R. do Nascimento.

1.1 Conceito e a sua evolução

Muitas vezes se ouve dizer que Terceira Idade é uma das etapas por as quais passa todo o ser humano. Este conceito é relativo, pois depende do meio cultural, social, político, religioso e económico no qual esteja inserida a pessoa.

Nos últimos tempos, tal como expõe Baltes (1995: 64) tem havido um grande aumento no número de pessoas idosas a nível mundial, e por esta razão, nas últimas décadas tem-se multiplicado os estudos científicos sobre o envelhecimento.

Terceira Idade, idoso, velhice, idade avançada, meia-idade, maduro, sexagenário, quinquagenário vêm a ser, possivelmente o mesmo conceito. Muitos investigadores buscam definir aquela faixa etária que tem início entre os 50 e 60 anos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a velhice como um prolongamento e término de um processo representando um conjunto de modificações fisiomórficas e psicológicas ininterruptas à ação do tempo sobre as pessoas.

Segundo Veras (1994: 29) a velhice é um termo impreciso, e a sua realidade é difícil de perceber. Quando é que uma pessoa se torna velha? Aos 50, 60, 65 ou 70 anos? Nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social. Uma pessoa é tão velha quanto as suas artérias, seu cérebro, seu coração, sua moral ou sua situação civil.

Para muitos idosos esta é a melhor época da sua vida, pois já tiveram oportunidade de se desenvolverem como profissionais, como pais e agora desfrutam do prazer de ser avós. Estão conscientes das suas limitações, isso é um facto, mas para eles não é a etapa da descrença ou da proximidade da morte (só em casos isolados existem estes pensamentos negativos e pessimistas, quer por causa de doenças, quer por complicações psicológicas produto das relações familiares); é o momento em que estão cheios da sabedoria que lhe ofereceram os anos, mas também estão em condições aptas para a aprendizagem.

Lamentavelmente a velhice está muito estigmatizada pela sociedade e pelas novas gerações, até agora consideram-se as pessoas idosas como decadentes, que perderam a sua importância e produtividade dentro da sociedade e agora acabam por ser um problema para os familiares, precisamente, porque não têm voz ativa dentro do seu contexto.

Autores como Fry (1989: 25) argumentam que o envelhecimento é visto como uma trajetória gradual, descendente, com declínio do funcionamento psicológico e cognitivo, falta de controlo sobre o corpo, uma experiência acumulativa de aumento de vulnerabilidade social e emotiva, um sentimento de desânimo e perda de controlo do meio psicológico. Por o seu lado Freire (2000: 22) argumenta que a velhice não implica necessariamente doença e afastamento, que o idoso tem potencial para mudança e muitas reservas inexploradas. Assim, os idosos podem, sentir-se felizes e realizados e, quanto mais atuantes e integrados no seu meio social, menos ónus trarão para a família e para os serviços de saúde.

Se olharmos para a antiguidade, pode-se observar como o conceito, a presença e a aceitação da velhice tem mudado ao longo dos séculos. Por exemplo, nas culturas agrafas, ser velho era um motivo de orgulho, não só para o próprio mas também para todos os membros da sociedade, porque nessa pessoa estava depositado todo o saber; sendo nesta altura velho o sinónimo de sabedoria. Nesse momento os idosos tinham o poder da sanção, de ser juízes e educadores. Posteriormente, na antiga Grécia, para todos aqueles cidadãos adoradores da beleza, a velhice era uma ofensa de espírito e por esta mesma razão faziam parte das comédias como objeto de escárnio e divertir o

público. Aliás, em Atenas existiram diversas leis que obrigavam o povo a ter respeito pelos idosos, pela sua experiência, aos seus conhecimentos. Por tanto, esta situação permite pensar que as ditas leis não eram normalmente acatadas. Chegou a pensar-se nesta época que a velhice era uma “tara”.

Em relação a este cenário da antiga Grécia, Minois (1987: 29) expõe que a velhice maldita e patética aparece descrita nas tragédias, a velhice ridícula e repulsiva nas comédias; a velhice contraditória e ambígua nos filósofos.

Na obra *Aforismos morais* de Sêneca podem-se encontrar pensamentos que se tinham na época sobre a velhice:

- Doloroso é começar a viver quando morremos.
- É útil para o jovem amar, mas é indecoroso para o velho.
- Os idosos estão mais perto da liberdade.
- Estar no ócio muito sossegado não é repouso, é preguiça.
- Pouco tem de esperar aquele que fez vizinha a morte de velhice.
- Nenhum morre fora de tempo.
- É triste não saber morrer.
- É virtuoso acabar de viver antes de acabar a vida.
- Muitos acabaram a vida antes de começar a viver.
- Poucos são os velhos ditosos.
- É uma vergonha num velho não saber mais do que lê.

Por meio destes pensamentos consegue-se vislumbrar qual era a visão da velhice para a época e como era concebida pelos pais da filosofia.

Posteriormente no povo hebreu, os idosos tinham uma missão sagrada. No Livro do Levítico da Bíblia abundam as frases que têm a ver com a honra do idoso porque é tocado por Deus, só que a partir da morte da Salóm, o seu filho, Roboam, começa a descartar as opiniões dos mais velhos fazendo ver ao povo que aquelas palavras não tinham credibilidade nenhuma.

No Império Romano, os idosos tinham a função de ser tiranos, pois eram os “pater familias” os quais tinham o direito de decidir a vida dos que tivessem sob a sua custódia.

Logo, na Idade Média, os idosos eram colocados em hospitais e mosteiros, precisamente para que o resto da comunidade não tivesse que observar o terrível espectáculo que é a decadência humana. Em relação a isto é importante mencionar que eram práticas realizadas pelas pessoas que tinham poder económico e social, os que não pertenciam a este grupo, eram só abandonados à sua sorte. Mais ou menos por esta altura, se proclama a “Regra do Mestre”, a qual consistia num conjunto de regras estabelecidas nos mosteiros do século IX que propunha os idosos para trabalhos manuais ou para porteiros exclusivamente, degradando-os por completo.

No Renascimento existia um total desprezo pelo feio, o decrépito e por o decadente, portanto, a velhice era quase como um doente em fase terminal.

Pode-se afirmar então que, a velhice faz parte do processo da formação da humanidade, só que durante o percurso tem mudado notavelmente de conceito. Isto quer dizer que a Terceira Idade é possível ser admitida e assimilada o que vai depender de múltiplos aspetos, entre eles estão os culturais, os religiosos, os políticos, os demográficos, os geográficos, os filosóficos, entre outros.

1.2 O seu entendimento na atualidade

Hoje em dia, o mais certo é que está em vigência as palavras ditas por Ptah-Hotep, visor do Faraó Tzezi da dinastia V, no 2450 antes de Cristo: Que triste é o fim dum velho! Vai ficando mais débil cada dia, a sua visão diminui, os seus ouvidos ficam surdos, a sua força declina, o seu coração já não descansa, a sua boca fica silenciosa e já não fala. As suas faculdades intelectuais diminuem e resulta quase impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem (...) A velhice é a pior das desgraças que pode afligir o homem.

Numa sociedade como a que vivemos hoje, onde ser jovem, bonito e cheio de vitalidade é o importante, ser velho é um castigo e o isolamento é a solução. Em relação a isto Bosi (1994: 203) diz que na sociedade industrial a velhice é maléfica, porque nela todo o sentimento de continuidade é destruído.

A sociedade contemporânea num primeiro momento deixou de dar oportunidades e valor à Terceira Idade, com certeza porque não precisava dela. Mas hoje o panorama mudou um pouco, porque já temos idosos reformados que prestam valiosas ajudas a familiares mais novos, não só com o cuidado dos netos, mas também economicamente, pois é um facto visível o alto nível de desemprego conjuntamente com ordenados baixos que não são suficientes para o sustento dos familiares. Apesar disto, a velhice continua a estar associada a decadência não só mental, mas também física e até socialmente.

Mas também existem autores como Lima (2001: 41) que expõe que muitos são os mitos que se formaram em torno da velhice. Teme-se aquilo que se desconhece. A visão tradicional do idoso como alguém inútil, isolado, em declínio biológico e mental, marcado por um tempo linear, com problemas de saúde, e a maioria das vezes, dependendo física e economicamente de alguém, ainda prevalece.

Seria importante começar a refletir numa situação muito delicada. Se para o ano 2030, aproximadamente, vai haver um aumento de 170 milhões de idosos nos países em vias de desenvolvimento e 57 milhões nos países industrializados, então como vão agir os grupos mais novos? Continuam com o desprezo? Continuam afastá-los ou a pô-los em centros para que ninguém os veja como se fazia na Idade Média? Ou será que continuam a ser parte integrante da sociedade com voz e voto na matéria? Antigamente a velhice era uma etapa improdutiva desde diferentes pontos de vista e uma grande

carga para as idades produtivas. Algumas pessoas continuam a pensar desta absurda forma, mas se calhar a realidade é um pouco diferente.

Não se pode esquecer que os idosos passam por diferentes situações durante a sua existência. Os que têm a oportunidade de chegar a uma idade, têm visto desaparecer a muitos membros do seu núcleo familiar e de amizade, situação que deprime com frequência. E embora não pareça, esta situação vai deteriorando lentamente as suas capacidades psicológicas e afetivas. Por este motivo, a partir dos anos 60, alguns idosos decidiram dar-se uma nova oportunidade e desafiar as suas próprias capacidades e não permitir ser marginalizados por as camadas mais novas da sociedade. Neste momento pensam em organizar o seu tempo livre, uma vez que já estão aposentados, em fazer coisas que os motivam, que os fazem desfrutar e que lhes faz aumentar o nível mental e físico, o que trás como resultado a qualidade de vida.

É totalmente indiscutível a necessidade que tem o idoso de merecer um olhar diferente da sociedade e de muitos dos seus membros. As nossas sociedades, os nossos grupos precisam dos idosos, das suas histórias, dos seus êxitos e também dos seus fracassos para os tomar como exemplo e não repetir erros por não querer ouvir umas palavras a tempo.

Não podemos esquecer alguns dados importantes que têm grande relação com a Terceira Idade. A Organização Mundial da Saúde (OMS) subdivide a idade adulta em quatro estágios: meia-idade (45 a 59 anos), idoso (60 a 74 anos), ancião (75 a 90 anos) e velhice extrema (acima de 90 anos). Dentro destes quatro estágios existem características psicológicas comuns, por exemplo: predomínio da inteligência cristalizada, diminuição da memória e da velocidade mental, capacidade de aprender com os erros e maior interesse em compartilhar sentimentos. Mas não se pode esquecer que estes níveis podem variar dum indivíduo a outro, o que quer dizer que a Terceira Idade é um grupo bastante diversificado tanto na idade como em variadas características que uns podem desenvolver mais que outros. Cada um tem uma história diferente do outro e as experiências ao longo do tempo é que marcam as diferenças.

Portanto, já é hora de deixar de pensar que a velhice é sinónimo de carências ou até de pobreza. Nos nossos dias a Terceira Idade participa cada vez mais em distintas áreas, não só culturais, também sociais, físicas, de lazer; por esta razão vivem muito mais anos, sem omitir o apoio que têm tido dos avanços tecnológicos e científicos. Em relação a esta ideia, Petroianu e Pimenta (1999: 39) afirmam que o crescimento da população idosa deve-se ainda a evolução da medicina.

Uma das últimas frases criadas pela OMS tem muito a ver com o anteriormente defendido: “O importante não é dar anos à vida, mas sim vida aos anos”. Por sua vez, Freire (2000: 22) afirma que sabe-se hoje que a velhice não implica necessariamente doença e afastamento, que o idoso tem potencial para a mudança e muitas reservas inexploradas; portanto, pensar o contrário é cair num profundo e imperdoável erro.

Em apoio ao anteriormente exposto Netto (2002: 51) explica que existem duas maneiras diferentes de envelhecimento: uma comum e outra saudável e bem-sucedida. O envelhecimento comum estaria ligado aos fatores extrínsecos, como alimentação, sedentarismo e causas psicossociais. Já no envelhecimento bem-sucedido há um baixo risco de doenças, pois a pessoa é ativa e as suas condições físicas e mentais são muito boas.

Tomando em conta as palavras de Netto, seria importante agregar que na Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento que se realizou em Madrid em Abril de 2002, foi aprovado o PIAE (Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento), o qual é um evidente compromisso internacional com o envelhecimento mundial. Este documento é muito importante porque apresenta três áreas prioritárias que não se devem esquecer:

- Como inserir o envelhecimento populacional na agenda do desenvolvimento;
- A importância singular e global da saúde;
- Como desenvolver políticas de meio-ambiente que atendam às necessidades de indivíduos e sociedades que envelhecem.

Da mesma forma outro documento que não se deve esquecer de referir é a Declaração da Comunidade Económica Europeia feita em 1993, onde estabeleceu o “Ano europeu dos idosos e da solidariedade entre gerações”. O dito documento estabelece como objetivos:

- Manifestar a dimensão social da comunidade;
- Sensibilizar a sociedade da situação dos idosos em relação à evolução demográfica conjuntamente com as consequências de envelhecimento da população;
- Fomentar a reflexão sobre as mudanças que fazem falta para resolver a situação.

Logo, são muitas as instituições que têm os olhos postos no envelhecimento e nos idosos. Podem estar esquecidos para alguns, mas isso não é a generalidade. Os idosos fazem parte do nosso futuro e como tal devem ser apoiados para se adaptar às novidades dos últimos tempos.

1.3. O contributo das novas disciplinas

O aumento acentuado do número de idosos trouxe consequências para a sociedade e, obviamente, para os indivíduos que compõem esse segmento etário. Era necessário procurar os determinantes das condições de saúde e de vida dos idosos e conhecer as múltiplas facetas da velhice e do processo de envelhecimento. Ver esses fenómenos simplesmente pelo prisma biofisiológico é desconhecer a importância dos problemas ambientais, psicológicos, sociais, culturais e económicos que se passam sobre eles. Ao contrário, e segundo Pickles (1998: 78) é relevante ter uma visão global

do envelhecimento como processo e do idoso como ser humano. Hoje felizmente, todas as áreas do saber sobre a velhice encontram-se em grande evolução.

Devido a este aumento dos idosos na sociedade, têm surgido novas ciências que buscam dar apoio e, até certo ponto, um prolongamento com qualidade de vida. Por exemplo, a Gerontologia, termo usado pela primeira vez por Elie Metchnikoff em 1903, é a ciência que estuda o processo de envelhecimento no âmbito psicológico e social. A Geriatria, pelo seu lado, forma parte da medicina e estuda a prevenção e o tratamento de doenças e incapacidades na terceira idade. A Gerontologia Educativa foi definida por David Peterson em 1976 e estabelece que é o estudo e a prática de tarefas de ensino dirigido a pessoas envelhecidas e em processo de envelhecimento. A Geragogia foi definida por a professora americana Martha Tayler em 1983 como a educação de pessoas idosas por pessoas da mesma idade.

Em relação às idades podem-se mencionar que a Idade Biológica é um indicador do tempo que resta a um indivíduo para viver, num dado momento da sua vida; é um processo que preside ou determina o potencial de cada indivíduo para permanecer vivo, o qual diminui com o passar dos anos. A Idade psicológica refere-se a relação que existe entre a idade cronológica e as capacidades como a percepção, memória, aprendizagem, renunciando um potencial de funcionamento futuro do indivíduo. A Idade Social é a avaliação do grau de adequação de um indivíduo ou desempenho dos papéis e dos comportamentos esperados para as pessoas de sua idade, num dado momento da história de cada sociedade. Velhice bem-sucedida é quando os idosos mantêm certos domínios como por exemplo: manter autonomia, manter independência, ter um envelhecimento ativo, atividades de lazer e vida social. A senescência é o processo natural de envelhecimento a nível celular; é um processo metabólico ativo essencial para o envelhecimento. Senilidade refere-se a fase do envelhecimento onde existe um declínio físico acentuado conjuntamente com uma desorganização mental. Automorfismo social é o não reconhecimento da unicidade do idoso. Gerontofobia é o medo irracional de tudo quanto tem relação com a velhice.

Todas e cada uma destas ciências surgem precisamente pelo crescimento da população idosa no último século. Era necessário virar-se para esta faixa etária e fazer dela objeto de estudo no âmbito das ciências sociais, e também na medicina. A partir deste momento começaram a ter qualidade de vida e muitos dos problemas inexplicáveis anteriormente, hoje, se não tiveram solução, pelo menos já tem um seguimento e um controle.

Uma vez esclarecidos alguns conceitos que têm surgido com o aumento da Terceira Idade, seria oportuno falar sobre o estereótipo do idoso.

Estudos realizados na Université de Montreal por Champagne e Frennet, citado por Dinis 1997, expõem os seguintes estereótipos da Terceira Idade:

- Os idosos não são sociáveis e não gostam de se reunir,
- Divertem-se e gostam de se rir,

- Temem o futuro,
- Gostam de jogar às cartas e outros jogos,
- Gostam de conversar e contar as suas recordações,
- Gostam do apoio dos filhos,
- São pessoas doentes que tomam muita medicação,
- Fazem raciocínios senis,
- Não se preocupam com a sua aparência,
- São muito religiosos e praticantes,
- São muito sensíveis e inseguros,
- Não se interessam pela sexualidade,
- São frágeis para fazer exercício físico,
- São na grande maioria pobres.

Estes estereótipos nem sempre são uma regra geral, mas uma boa percentagem da população idosa a nível mundial cumpre quase a maioria deles. Todos estes elementos de uma ou outra forma têm origem em situações socioeconómicas impostas pelo próprio contexto e no fundo não revelam outra coisa senão a solidão em que vivem os nossos idosos. Mas os estereótipos não são os únicos indicadores que definem a Terceira Idade, também passam por o que Matsudo e Matsudo (1992: 73) chamam mudanças e transformações típicas do processo de envelhecimento, entre elas estão:

- Antropométricas: há um incremento do peso, perda da massa livre de gordura, diminuição da altura, aumento da gordura corporal, diminuição da densidade óssea e da massa muscular.
- Na musculatura: perda de 10% a 20% na força muscular, diminuindo a habilidade para manter a força estática, aumento do índice de fadiga muscular, diminuição da capacidade para a hipertrofia, diminuição no tamanho e número de fibras musculares, diminuição na capacidade de regeneração, diminuição das enzimas glicólicas e oxidativas, glicogénio ou outros.
- No sistema cardiovascular: diminuição do débito cardíaco, diminuição da frequência cardíaca, diminuição do volume sistólico, diminuição da utilização do oxigénio pelos tecidos, aumento da pressão arterial, aumento da diferença arterio venosa de O_2 , aumento da concentração de ácido láctico, aumenta no débito de CO_2 , menor capacidade de adaptação e recuperação do exercício.
- Neural: diminuição do tamanho e número de neurónios, diminuição na velocidade de condução nervosa, aumento do tecido conectivo dos neurónios, menor tempo de reação, menor velocidade de movimento, diminuição do fluxo sanguíneo cerebral.

Pode observar-se que as transformações internas a nível do organismo, uma vez que o ser humano chega à velhice, são muitas e seria quase impossível que elas não fizessem alguma projeção para o mundo exterior. Todas estas alterações derivadas à idade, com certeza são de conhecidas pelos idosos, mas deixam uma grande mágoa e saudades pelo que um dia foram capazes de fazer a nível físico, mental e até espiritual.

Hoje estão limitados, mas só do próprio depende vencer essas limitações. É necessário encarar a velhice como uma etapa mais da nossa vida. Não é o fim. Não é a caducidade. É o momento onde “começo a viver para mim e a ver por mim”.

2. APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA

2.1. Definição

A educação é um conceito definido há muitos séculos. Platão dizia que a educação era capaz de produzir filósofos-reis. Cícero opinava que a educação deve livrar o aluno da tirania do presente. Segundo Martins (2004: 13) o conceito de educação sofreu uma grande influência do nativismo e do empirismo. O primeiro era entendido como o desenvolvimento das potencialidades interiores do homem, cabendo ao educador apenas exteriorizá-las, e o segundo era o conhecimento que o homem adquiriria da experiência.

Os sofistas ensinavam a retórica e como esta fazia manter os interesses dentro duma classe, pois a educação só poderia trazer felicidade e triunfo. Para Sócrates, a educação deve levar o homem à sua realização. Os romanos pensavam que a educação era desenvolver no homem a racionalidade. Francis Bacon dizia que o indivíduo só podia aprender se tivesse as ideias claras a respeito dos factos. John Locke considerava que a educação era um direito do homem. Jean Jaques Rousseau afirmava que a educação era ensinar a criança a viver e a exercer a sua própria liberdade. Immanuel Kant considerava que a educação deve cultivar a moral. Para Jean Piaget a educação deve dar a possibilidade às crianças de se desenvolverem desde o período sensório-motor até ao operatório abstrato. Paulo Freire opina que educar é construir e dar liberdade ao homem para fazer dele um ser autónomo.

Em Portugal, na Constituição da República Portuguesa, no seu Artigo nº 43, titulado “Liberdade de aprender e ensinar” estabelece-se que:

1. É garantia a liberdade de aprender e de ensinar.
2. O Estado não pode programar a educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas.
3. O ensino público não será confessional.
4. É garantido o direito de criação de escolas particulares e cooperativas.

No Conselho Nacional de Educação, publicado no Diário da República se expõe que a educação é, desde há longa data, reconhecida como um importante fator para o desenvolvimento económico e social, mas nos últimos anos vem-se tornando cada vez mais importante pela forma como influencia o bem-estar dos indivíduos, das comunidades e das nações. O mundo está a passar por mudanças que tornam muito mais

difícil sobreviver sem as aptidões e as capacidades que uma educação de boa qualidade promove.

Uma vez feito um pequeno percurso pela educação ao longo do tempo e ter chegado à situação atual em Portugal, poderia afirmar-se que a educação pretende há muitos séculos preparar o indivíduo para se desenvolver, pensar, explorar, racionalizar e realizar-se como ser humano. A educação é a chave que abre as portas do conhecimento seja qual for o momento em que o indivíduo pretenda abrir as ditas portas.

Segundo Freire (2000: 40) a educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber que não sabem. A educação tem sentido, para serem, mulheres e homens precisam de estar sendo.

Para a Professora Doutora Teresa Ambrósio a educação é um processo de desenvolvimento e construção da pessoa, do cidadão, bem comum de acesso universal não só através dos sistemas escolares mas também por meio das redes, de espaços de difusão de serviços públicos ou privados, de instituições de interesse nacional.

Por sua vez Fenalti & Schwartz (2003: 132) afirmam que a educação é um direito que deve fazer parte de todas as fases da vida, tornando-se fundamental o desenvolvimento de projetos educacionais.

A educação é, portanto, parte integrante do todo ser humano, bem para o constituir como pessoa, quer para o integrar na sociedade. Mas que acontece quando o indivíduo quer aprender quando já tem certa idade e já ultrapassou há muito tempo os anos de escolaridade? A resposta é simples. Começa aqui uma nova aprendizagem, uma nova forma de adquirir conhecimentos; é através da aprendizagem ao longo da vida ou da educação permanente.

É importante indicar que Delors (1999: 38) estabelece os quatro pilares essenciais para um novo conceito de educação ao longo da vida, os quais são um fator chave. Eles são:

1. Aprender a conhecer: combinando uma cultura geral suficientemente vasta com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias.
2. Aprender a fazer: a fim de adquirir não somente qualificação profissional, mas de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipa.
3. Aprender a viver juntos: desenvolvendo a compreensão do outro, a perceção das interdependências no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.
4. Aprender a ser: para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir cada vez com mais capacidade de autonomia.

O Conselho da Europa introduziu nos anos 60 o tema da educação permanente, que era considerada como “um conceito fundamentalmente novo e abrangente (...), um padrão de educação global capaz de fazer face ao rápido crescimento das necessidades individuais cada vez mais diversificadas de jovens e adultos, no âmbito da educação da nova sociedade europeia.

2.2 Declaração de Hamburgo

A aprendizagem ao longo da vida tem sido definida por variadíssimos especialistas na matéria. Seria importante citar em princípio a Declaração de Hamburgo no seu Artigo II onde explica que a educação ao longo da vida implica repensar o conteúdo que reflita certos fatores como idade, igualdade entre os sexos, necessidades especiais, idioma, cultura e disparidades económicas.

No Artigo III desenvolve a visão do que é a educação de jovens e adultos e diz que é o processo de aprendizagem formal ou informal, onde pessoas consideradas “adultas” pela sociedade desenvolvem as suas habilidades, enriquecem os seus conhecimentos e aperfeiçoam as suas qualificações técnicas ou profissionais, direcionando-as para a satisfação das suas necessidades e as da sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos.

Desde este ponto de vista, a educação vai acontecendo ao longo da vida marcando diferentes etapas do indivíduo e demarcando o seu espaço dentro da sociedade dos nossos dias.

Alguns autores falam da educação permanente e não de aprendizagem ao longo da vida. A primeira é definida por o Indicador Nacional de Alfabetismo Adulto (INAF) como uma educação que considere as necessidades e incentive as potencialidades dos educandos; promova a autonomia dos jovens e adultos, para que sejam sujeitos de aprendizagem; esteja vinculada ao mundo do trabalho a práticas sociais, possua projetos pedagógicos com flexibilidade curricular e os seus conteúdos curriculares devem estar pautados em três princípios: contextualização, reconhecimento de identidades pessoais e das diversidades coletivas. Estas palavras veem a razão do que diz Brandão (1982: 7) onde ninguém escapa da educação. Neste sentido Gadotti (1981: 168) diz que a educação permanente significa que não terminamos jamais de nos tornar homens e que não terminamos jamais de ser, de nos tornar juntos, a caminho, ao longo das relações com o outro.

Os indivíduos que pertencem a faixa etária da Terceira Idade entram então dentro do processo da aprendizagem ao longo da vida. Os idosos estão a demonstrar há muito tempo que não existe idade para aprender, não existe uma data específica para adquirir conhecimentos. O homem está constantemente a aprender enquanto tenha vitalidade e

vontade para o fazer. Se as questões físicas e psicológicas assim o permitirem, não há nada que possa impedir que a pessoa consiga aprender até ao seu último dia de vida. Em relação a isto Freire (1997: 6) expõe que homens e mulheres, como seres inclusos, estão em permanente busca do conhecimento e em processo de formação como pessoa humana. Este comentário Significa que é um erro pensar que a aprendizagem é própria dos nossos primeiros anos de vida, da nossa infância, bem ao contrário. Em cada dia podemos aprender sem ter em conta a idade, sexo, classe social, etnia ou religião, e esse é o instrumento que nos permite estar em contacto direto com as transformações do mundo e das diferentes sociedades.

A Comissão e os Estados membros da Comunidade Europeia também definiram a educação ao longo da vida como toda e qualquer atividade de aprendizagem, com um objetivo, empreendida numa base contínua e visando melhorar conhecimentos, aptidões e competências.

Segundo Site (2006: 285) a ideia de aprendizagem nasce no século XIX, com o surgimento dos primeiros movimentos que advogaram e promoveram a educação de adultos em ambientes não escolares, através de programas para a nova classe trabalhadora industrial.

A intenção era dar formação às classes populares para criar neles uma espécie de emancipação cultural e até política. Essa massa desprovida de inumeráveis comodidades acabava por ser um “rebanho” dirigido por homens estrategas da política e que os convenciam com algum jogo de palavras. Se não fosse por estes primeiros passos dados no século XIX, com certeza hoje a situação seria quase idêntica. Por esta razão é pertinente citar as palavras de Site (2006: 287) quando diz que a aprendizagem ao longo da vida significa que se uma pessoa tem o desejo de aprender, ela terá condições de fazê-lo, independentemente de onde e quando isso ocorre.

Não se pode esquecer uma situação muito importante, que a aprendizagem e a educação são processos paralelos e estão sempre um ao pé do outro. Os dois juntos formam a dupla que funciona como instrumento de expansão do pensamento e a autonomia de espírito que todo ser humano que tenha experimentado, desfruta profundamente pelo prazer que produz. Este facto dá-se desde as nossas primeiras palavras até a idade mais avançada.

Outro termo utilizado com o mesmo sentido que a aprendizagem ao longo da vida é aprendizagem lifelong. As definições têm muitos pontos em comum como era de esperar, mas a aprendizagem lifelong vai mais longe porque sente que as pessoas ficam providas com múltiplas oportunidades de aprendizagem durante o percurso da vida e em variadíssimos contextos não só por meio da educação formal, também com a educação informal.

Segundo Kallen (1980: 16) a génese do conceito de aprendizagem ao longo da vida constitui em si um exemplo interessante do aparecimento simultâneo de novas ideias: no início da década de setenta surgiu uma diversidade de conceitos sobre política

educativa, tendo como denominador comum o princípio da aprendizagem como atividade a exercer ao longo da vida, não limitada ao primeiro estágio da vida do homem.

No caso do Memorandum sobre a educação e a formação ao longo da vida, também expõe uma perspetiva do tema e diz que a aprendizagem ao longo da vida (lifelong learning) não é apenas mais um dos aspetos da educação e da aprendizagem; ela deve-se tornar o princípio diretor que garante a todos o acesso às ofertas de educação e de formação, numa grande variedade dos contextos de aprendizagem.

Tomando em conta estas palavras, a aprendizagem ao longo da vida permite aos homens dos nossos dias ter garantida uma educação, quer seja oferecida pelo Estado, por empresas, por instituições sociais ou por qualquer organização, inclusive até por o próprio indivíduo.

2.3 Pertinência

A aprendizagem ao longo da vida tem uma grande ligação ao que hoje conhecemos como as UTIs (Universidades da Terceira Idade) a qual tem sido um magnífico instrumento para que grupos de idade mais avançada consigam acompanhar os desafios da evolução tecnológica, a globalização dos mercados, a diversificação cultural e o progresso das sociedades e culturas do mundo inteiro, permitindo um desenvolvimento do indivíduo e expandindo o seu campo visual sobre o que é o presente e o que vai ser o futuro; tudo isto com o mais firme propósito de lograr a emancipação.

Tomando em conta o previamente mencionado Both (2001: 57) aclara que a aprendizagem contínua tem a finalidade de construir um ser humano interessante, atualizando seus potenciais internos de querer, pensar e amar, os seus vínculos para entender a sua necessidade de interação, participação e reconhecimento público.

Na história da humanidade podemos perceber que a preocupação por a educação esteve sempre presente. No surgimento da era contemporânea, a educação marca um papel muito importante para que o homem fosse capaz de acompanhar os avanços da industrialização e da tecnologia.

Na Comunicação da Comissão do 21 de Novembro de 2001, relativa a concretização do espaço europeu de aprendizagem ao longo da vida, explica que o futuro da Europa depende da capacidade que os seus cidadãos tiverem para fazer face aos desafios económicos e sociais. Um espaço europeu de aprendizagem ao longo da vida permitirá aos cidadãos europeus passar livremente de um ambiente de aprendizagem para um emprego, de uma região ou de um país para outro a fim de utilizar da melhor formas as respetivas competências e qualificações.

Furter (1974: 81) destaca que a educação permanente não poderá ser confundida como atividades extra-escolares, atividades complementares, prolongamento escolar, elitização. Estes são fragmentos e possibilidades para ajudar no processo, porém o verdadeiro sentido é fazer-se homem.

Numa sociedade que está em constante metamorfose, a educação permanente abre as portas para a autonomia individual mas também para o trabalho de equipa. Só assim é que se conseguirá construir a sociedade do futuro, com a inclusão e a participação do outro. Por este motivo, a educação permanente é um processo infinito, que tem início mas se desconhece o seu fim.

Atualmente as sociedades excluem todo aquele que não disponha de uma série de capacidades para encarar as novas tecnologias e o avanço da sociedade. A exclusão é o conceito na moda. Então, onde ficam os membros da terceira idade? Com certeza que no último patamar, porque muitas vezes não contam com boas situações financeiras, porque não os deixam exercer os seus direitos e acabam por se isolar espontaneamente. Por esta razão, Freire (1979: 27) comenta que a educação é uma resposta da finitude da finitude, pois o sujeito é incompleto e encontra-se nos processos educacionais pressupostos para suprimir a sua constituição pessoal inacabada, independente da sua idade ou situação social.

No Memorandum sobre a aprendizagem ao longo da vida (2000) expõe-se que a sugerida aprendizagem deverá ter por objetivos:

1. Garantir acesso universal e contínuo à aprendizagem, com vista à aquisição e renovação das competências necessárias, à participação sustentada na sociedade do conhecimento;
2. Aumentar visivelmente os níveis de investimento em recursos humanos, a fim de dar prioridade ao mais importante trunfo da Europa -os seus cidadãos;
3. Desenvolver métodos de ensino e aprendizagem para uma oferta contínua de aprendizagem ao longo e em todos os domínios da vida;
4. Melhorar significativamente a forma como são entendidos e avaliados a participação e os resultados de aprendizagem, em especial da aprendizagem não formal e informal.
5. Assegurar o acesso facilitado de todas as informações e consultoria de qualidade sobre oportunidades de aprendizagem em toda a Europa e durante toda a vida;
6. Providenciar oportunidades de aprendizagem ao longo da vida tão próximos quanto possível dos aprendentes, nas suas próprias comunidades e apoiados, se necessário, em estruturas TIC.

Também é importante mencionar que nos últimos tempos tem surgido uma nova expressão para a aprendizagem ao longo da vida, a qual é: “aprendizagem em todos os domínios da vida” (lifewide). Este término só vem enriquecer as propostas anteriores e confirmar uma vez mais que a aprendizagem consegue atingir todas as dimensões dum indivíduo em qualquer momento da sua vida.

No Conselho Nacional de Educação (2001: 11774) publicado no Diário da República expõe-se também que a ideia de educação ao longo da vida foi assim desenvolvida em reuniões internacionais durante os anos 60 do século XX como resposta às incapacidades verificadas na prática educativa vigente, embora tenha antecedentes que podem ser encontrados nos escritos de Dewey, Lindeman e Yeaxlee do início do mesmo século.

Seria pertinente citar as consequências dos princípios da educação permanente propostas por Nogueira (1996: 38). Entre os princípios estão que a educação permanente: designa um projeto, é global, destina-se tanto a reestruturar o sistema educativo como a desenvolver todas as possibilidades de formação fora do sistema educativo, considera o ser humano sujeito da sua própria educação por meio da interação permanente das suas ações e reflexões, rejeita intervenções que se limitem ao período de escolaridade, abarca todas as dimensões da vida, todos os ramos do saber e todos os conhecimentos práticos que podem adquirir-se por todos os meios, contribui para todas as formas de desenvolvimento da personalidade e é total. Seguidamente o autor antes referido enumera as consequências da educação permanente estabelecendo que não é um sistema fechado, não é sectorizado, ultrapassa o sistema educativo e como consequência ultrapassa as possibilidades de qualquer Ministério da Educação, é participativo, descentralizado e englobado nas necessidades sociais reais, é transescolar, é integral, articula projetos de formação com projetos de desenvolvimento e articula todos os projetos entre si.

Em síntese, a educação ao longo da vida refere-se a que se uma pessoa é motivada e sente a necessidade de aprender, então há de o fazer sempre que tenha umas condições próprias sem importar o momento da vida em que sucede este facto. Assim que seja indispensável a presença da predisposição para aprender, que existam instituições que preencham este desejo e que todos os novos conhecimentos que estejam por aprender sejam capazes de ir ao encontro de cada uma das necessidades que possam ter os indivíduos interessados.

3. EDUCAÇÃO NA TERCEIRA IDADE

3.1. Processo de alfabetização

A necessidade de aprender depois ter obtido uma formatura está a ser novidade nos últimos tempos. As pessoas que hoje se encontram na vida laboral ativa sabem que devem estar permanentemente a fazer atualizações para conseguir acompanhar o ritmo do dinamismo social, económico e tecnológico. Esta situação permite manter-se nos seus empregos com alguma confiança. Agora, o que leva um idoso a voltar os estudos? Evidentemente que já não é para o mercado de trabalho. A resposta parece ser simples: aprender já não tem só uma finalidade de manter ou

ascender à hierarquia laboral. Aprender na Terceira Idade está a servir para manter a mente ativa, ocupar o tempo, procurar qualidade de vida e bem-estar físico e mental. Em relação a esta posição, Rebelatto e Morelli (2004: 26) afirmam que uma boa qualidade de vida na velhice tem relação direta com a existência de condições ambientais que permitam aos idosos desempenhar comportamentos biológicos, sociais e psicológicos adaptativos.

A educação na Terceira Idade teve as suas origens na tentativa de alfabetizar pequenos grupos que não tiveram a oportunidade de aprender a ler e escrever por causas económicas e sociais. Não se pode omitir que a Europa passou por duas guerras que efetuaram um extermínio a nível populacional, especificamente em jovens com idades compreendidas para cumprir a sua missão perante a pátria. Esta foi uma clara causa porque muitas pessoas, jovens para aquela época evidentemente, tivessem que pôr de parte alguns projetos de vida e entregar-se ao trabalho para ajudar a família. Este não é o caso de todos, mas poderia ser uma boa percentagem.

Nos dias que correm, a educação para a Terceira Idade tem um matiz muito diferente. Já não se investe na alfabetização, senão no ensino de conhecimentos especializados dados por professores universitários. Neste ponto seria oportuno falar da contradição que existe, e cada vez com mais força, entre os jovens e os idosos. Enquanto os primeiros contam os dias para saírem da universidade, os segundos não querem sair de lá, porque foi naquele local que se encontraram com uma realidade diferente da que tinham imaginado. Os primeiros estudam por obrigação e por imposição familiar, os segundos fazem-no por prazer e para alongar o seu leque de conhecimentos, não só académicos, também os empíricos; tudo isto tem uma clara intenção: viver com mais qualidade de vida, com mais prazer e desenvolver potencialidades e habilidades que nunca imaginaram ter.

Se a educação é um processo infinito similar à busca da verdade que durante tantos anos fizeram os filósofos, então o mito que aprender se torna mais difícil com o passar dos anos é só isso, um mito, uma fantasia, um comentário popular. O ser humano nunca para de aprender e este facto vai para além da idade, da condição física, mental, social e até económica. Em relação a isto Comenius, no século XVII defendia a ideia de que a educação era destinada para todos e assim, todos descobriam a verdadeira cultura.

A educação nesta faixa etária procura facilitar a vida do idoso o seu contacto com as novas sociedades e as novas tecnologias principalmente, desta forma passam a adquirir autonomia em alguns aspetos modernos. Em correspondência com estas palavras, Beauclair (2008: 3) expõe que o ato humano de conhecer, na atualidade, é complexo e ganha nova roupagem pelo advento das novas tecnologias de informação e conhecimento e por observarmos os avanços oriundos dos diversos campos do saber. Mas esta não é a única finalidade, a educação na Terceira Idade pretende estabelecer uma elevação da autoestima do idoso, um melhor relacionamento com as pessoas da mesma idade e com outros mais jovens, sentir alegria por estar vivo e querer aproveitar cada minuto, desenvolver habilidades que proporcionem prazer, facilidade para

entender o mundo atual e deixar o passado como um conhecimento empírico e não viver agarrado a ele.

Segundo Baptista (2000: 28) a participação social das pessoas da Terceira Idade pode ser potenciada nos próprios contextos e áreas de trabalho, onde os adultos em questão desenvolveram a sua atividade profissional ou em contextos e áreas novas, dando expressão a outros desejos, impossíveis de realizar durante o chamado período de vida ativa.

3.2. Processo de desenvolvimento

A educação na Terceira Idade contribui para o envelhecimento ativo o qual se poderia definir como um conjunto de atitudes e ações que têm os idosos com a finalidade de adiar as alterações físicas e psíquicas que se produzem quando entram na Terceira Idade. A Organização Mundial da Saúde (OMS) quis também definir o envelhecimento ativo como um processo de conquista. Foi esta mesma organização que adotou este termo nos anos 90. Para reforçar, é oportuno citar Corazza (2005: 71) que explica que o idoso conta com vários locais e atividades na parte social, de lazer, desportiva, económica e jurídica, tais como: Associações e clubes da Terceira Idade, locais para festas e bailes, diários para a Terceira Idade, faculdades abertas a Terceira Idade. Portanto, os idosos têm a oportunidade de estar em contacto direto com o mundo e abandonar o isolamento e o receio de não ser aceites no seu contexto. Para isto é necessário que o idoso seja motivado, e o mais importante, seja informado da existência destes locais constituídos para eles.

Um incentivo que pode ser benéfico para os idosos que voltam às salas de aula é falar-lhes sobre grandes personagens da história que começaram a fazer magníficas obras em idades bastante avançadas. Entre eles podem-se nomear Beethoven, Picasso, Verdi, Wistin, Churchill, Chagal, Wagner, Michelangelo, Goya, Matusalém (tomado em conta que a média de vida naquela altura não atingia mais de 45 anos), Eliot, Wallace Stevens, W. B. Yeats, Juan Ramón Jiménez, Vicente Alexandre, Gandhi, J. W. Goethe, Teodoro Fontane, Miguel de Cervantes, Leopoldo von Ranke, Tomás Carlyle, Ticiano, J. Rossini, entre outros.

O facto de os nossos idosos quererem voltar a educação tem muitas razões de ser. Possivelmente o motivo académico não seja bem o principal. Talvez conhecer novas pessoas com outras perspetivas de vida e outras formas de encarar as situações, procurar atividades culturais que os deliciem, fugir da solidão e do abandono dos familiares que trabalham fora de casa, praticar atividades físicas para afastar algumas doenças por causa da imobilidade, tudo isto com um firme propósito: começar a ter uma vida ativa e participativa, onde seja útil e importante para outras pessoas que não sejam só as do núcleo familiar. Por causa disto é importante citar a Oliveira (1996: 7) quando menciona que ainda não se tem o hábito de perceber os idosos como sujeitos integrantes da sociedade, pois somente aqueles que produzem ou que irão produzir economicamente

são considerados sujeitos participativos e, portanto, merecedores de atenção e de oportunidades nos diversos âmbitos, especialmente no que concerne à educação.

Já estamos saturados de ver o idoso desta forma. A Terceira Idade não é uma doença, uma deficiência, não precisa de isolamento, os anos e os cabelos brancos não são contagiosos. Aqueles cabelos brancos são experiências, vivências, conhecimentos, histórias, êxitos, erros, sucessos, fracassos, alegrias, lágrimas.

3.3 Processo infinito

A educação na Terceira Idade vem demonstrar, não só a os próprios idosos, senão a todos quantos os rodeiam; o idoso pode aprender a viver de uma forma ativa, desfrutando da sua autonomia e liberdade e que pode acompanhar perfeitamente a evolução da sociedade. Arnhoff (1964: 34) afirma que os idosos podem aprender tão bem como os jovens, podendo ser melhores na aprendizagem dos aspetos práticos e executarem tarefas com maior habilidade do que muitos jovens as praticam.

A educação na Terceira Idade está a mudar a forma de pensar de algumas pessoas. A educação nesta faixa etária não tem a finalidade de manter alguma posição ou status, nem de ir à procura dum melhor salário dentro do local de trabalho. A educação na Terceira Idade é para manter ocupada e ativa a mente, o pensamento, para afastar o idoso de ideias autodestrutivas, da solidão e que estejam em dia com as inovações do mundo de hoje. Tal como Piaget em mais que uma oportunidade afirmou e até conseguiu demonstrar que todo ser humano tem a capacidade de aprender sempre, desde que nasce até que morre.

É evidente que é necessária a motivação do idoso para que assista às aulas. Em primeiro lugar é necessário difundir a informação e, posteriormente, é importante saber cativar o idoso para que continue a frequentar as aulas. A motivação que pode fazer o professor é vital, conjuntamente com os novos colegas e até dos locais onde se dão as aulas. Segundo o Memorando sobre a aprendizagem ao longo da vida (2000: 9) a motivação individual para aprender e a disponibilização de várias oportunidades de aprendizagem são, em última instância, os principais fatores para a execução bem-sucedida de uma estratégia de aprendizagem ao longo da vida. Neste Memorando também se estabelece que os sistemas de aprendizagem devem adaptar-se às circunstâncias de mudança em que as pessoas organizam e gerem as suas vidas hoje. Este aspeto é especialmente relevante para a concretização da igualdade de géneros e contribui para uma Terceira Idade cada vez mais ativa.

Agora seria conveniente fazer uma pergunta dicotómica: será que é o idoso quem se deve adaptar à nova sociedade e concorrer na educação para tal fim? Ou é a sociedade que deve começar a adaptar-se à ideia de que a Terceira Idade já não é o que era e que passou a ter voz e voto na matéria? Até agora falou-se da educação e na

aprendizagem na Terceira Idade, mas quanta falta faz a alguns um pouco de critério e um pouco de amor ao próximo.

Não se pode esquecer que existem algumas dificuldades no processo de ensino e aprendizagem na Terceira Idade. É manifesto que os alunos passam por momentos na sua vida familiar que os marcam profundamente, por exemplo a perda de entes queridos, a independência económica, a deterioração de algumas capacidades físicas e mentais. Estas características vão dificultar o processo, mas nesse momento é que os professores passam a ter um rol primordial de incentivar os alunos, de alimentar a sede de conhecimento e a vontade de viver e fazer projetos para a vida futura.

Será precisamente a educação que vai mudar o pouco privilégio com que têm contado os idosos nos últimos tempos. A educação é um direito para todos que pode ser aproveitado em qualquer momento e com múltiplos fins, não só para adquirir conhecimentos, mas também para sociabilizar. Em relação a estas palavras, a Declaração Mundial sobre a Educação para todos (1998) estabelece no seu Artigo 1 que cada pessoa, criança, jovem ou adulto deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer as suas necessidades básicas de aprendizagem. E no Artigo 6 assegura que a aprendizagem não ocorre em situações de isolamento. Portanto, as sociedades devem garantir a todos os educandos assistência em nutrição, cuidados médicos e o apoio físico e emocional para que participem ativamente de sua própria educação e dela beneficiem.

Fernández (1995: 37) opina que a crença sobre a deterioração cognitiva do idoso, às vezes divulgada pela psicogerontologia tradicional continua a manter-se por muitos educadores da Terceira Idade. Nas novas gerações está a mudar este conceito errado. Claro que o idoso tem algumas dificuldades, mencionadas anteriormente, mas isso não é impedimento para lograr uma aprendizagem com sucesso.

Segundo Beauclai (2008: 5) a inteligência é a capacidade humana de solucionar problemas e criar/produzir o que seja válido e útil para os contextos presentes na cultura. Os componentes da Terceira Idade continuam a ter uma boa inteligência e de qualidade; ser velho não é sinónimo de ter perdido tudo com o passar dos anos. Mais a frente, Beauclair continua a dizer que em tempos pós modernos, a inteligência pode ser percebida como um sistema amplo composto por diversos subsistemas, que integrados e inter-relacionados geram âmbitos complexos, algo como uma síntese bem-sucedida, “síntese das funções mentais, um mix cognitivo composto por funções e operações mentais”.

No caso que o idoso consiga manter as suas funções mentais sem alterações próprias da idade, é motivo suficiente para continuar a cultivar mais conhecimentos, pois a sua inteligência continua a ser terra fértil, para colher muitos pensamentos. Não é uma terra árida e estéril como muitos podem pensar. Não é nada disso. A inteligência dos idosos não se altera, não se transforma, mas sim necessita exercício e estimulação.

Em consonância com esta ideia Gómez (2007: 79) explica que a aprendizagem neste ciclo vital é também um projeto de saúde e não somente educativo. Por um lado permite sentir-se bem psiquicamente, proporciona a possibilidade de pensar o que ainda podem fazer e não nas funções que pela idade se vão deteriorando, aprendendo a conviver com as possibilidades que temos nesta etapa de vida e não perdendo tempo no que já não se pode ou não se tem; por outro lado no que já se pode ou não, e tem; por outro lado a realidade social integra-os mediante a culturização permanente.

Segundo Mora (2004: 151) à medida que se instaura o processo de morte neural emerge sistemas compensatórios. Assim, entram em ação os mecanismos que consistem em aumentar a velocidade de recetação e liberação do neurotransmissor pelos mesmos neurónios que ainda permanecem intactos.

Beauclair (2008: 10) afirma também que com o desenvolvimento da nossa inteligência emocional facilmente poderemos ter mais otimismo diante da vida, mais auto-motivação, mais resistência e, com isso, ter vontade forte para realizar nossos os desejos, alcançar as nossas metas, e, com isso, seguirmos adiante como seres viventes. Colocar as emoções ao serviço das nossas metas acaba por ser elemento facilitador da nossa permanente construção como sujeito otimista, que possuem visão positiva da vida e que conseguem realizar os seus intentos, planejando e tendo consciência que todos os nossos possíveis problemas são temporários e que, mais cedo ou mais tarde, serão resolvidos desde que nos possamos mover.

Portanto, a educação na Terceira Idade só trás benefícios. É verdade que ajuda os idosos a mudar hábitos impostos pela família e pela mesma sociedade, mas também lhes oferece uma verdadeira qualidade de vida que só a reforma e o tempo livre não lhes consegue dar. Em relação a este comentário, Cavalcanti, citado por Carneiro (2004: 120) explica que no idoso, de um modo geral, a expectativa de autoeficácia é muito pequena, uma vez que as pressões sociais são muito fortes no que tange às incapacidades atribuídas à Terceira Idade. Os comportamentos defensivos desadaptativos, tais como evitação e fuga, acabam reforçando uma autoimagem negativa no idoso, que leva à manutenção dos comportamentos defensivos em um círculo vicioso.

Neri (1997: 37) expõe que uma boa qualidade de vida na velhice não é um atributo do indivíduo biológico, psicológico ou social, nem uma interação entre pessoas em mudança, vivendo numa sociedade em mudança (p. 37). A qualidade de vida na Terceira Idade, segundo a Organização Mundial da Saúde (1991) é a manutenção da saúde, no seu maior nível possível, em todos os aspetos da vida humana: físico, social, psíquico e espiritual. A qualidade não se obtém por acaso, não se adquire na farmácia. A qualidade de vida é proporcionada pelo próprio idoso na medida em que se sente bem consigo próprio e com o mundo que o rodeia. Se gozar de uma condição física boa o resto é muito mais fácil de conseguir. A paz que dá nesta idade saber que se tem uma boa saúde é meio caminho andado para construir a dita qualidade de vida.

Em ligação a esta ideia, Freire (2000: 39) defende a ideia de que o envelhecimento bem-sucedido está relacionado com a qualidade de toda uma vida, envolvendo todos os eventos ocorridos pelo sujeito desde a sua gestação, sua carga genética e seus fatores socioculturais.

Na educação da Terceira Idade existem três grandes grupos que têm influência neste processo: o aspeto sociocultural, a família e o indivíduo. O aspeto sociocultural está determinado por estereótipos, algumas vezes até prejuízos porque na Terceira Idade já lhe passou a oportunidade de estudar. A velhice está relacionada para muitos com doenças e incapacidades. É imprescindível contribuir para mudar esta imagem do idoso. É necessário educar também a família para aceitar o novo papel dos avós.

4. AS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE (UTIs)

Segundo o Regulamento Geral das Universidades da Terceira Idade, no seu artigo 4º explica que estas são a resposta social, que visa criar e dinamizar regularmente atividades sociais, culturais, educacionais e de convívio, preferencialmente para e pelos maiores de 50 anos. Quando existirem atividades educativas em regime não formal, sem fins de certificação e no contexto de formação ao longo da vida.

4.1 Génesis das Universidades da Terceira Idade

A primeira Universidade da Terceira Idade surgiu na Universidade de Toulouse, em França em 1973 (Université de la Troisième Âge). O seu criador foi o professor Pierre Vellas. Este projeto teve uma primeira fase onde só eram salas de estudo para jovens e idosos. Tal projeto começou a ter grande prosperidade derivado ao entusiasmo dos idosos e da sua sede de conhecimentos, em alguns casos, e à vontade de manter-se atualizados. Mas anteriormente, em 1972, Condorcet já havia tido a ideia de fazer um projeto que fosse dirigido a homens de todas as idades e decidiu apresentá-lo a Assembleia Nacional Francesa.

Moreno (1988) propõe que os objetivos da primeira Universidade da Terceira Idade fossem:

- a) Informar e investigar sobre os problemas mais diretamente relacionados com: medicina, saúde e serviços sociais,
- b) Procurar formação cultural orientada para a autorrealização pessoal e de vida associativa,
- c) Sensibilizar as pessoas sobre os problemas e dificuldades da Terceira Idade, para serem consideradas socialmente úteis,
- d) Instruir os profissionais que trabalham ou trabalharão nestas áreas.

Segundo Lemieux (1998: 27) o primeiro projeto deu origem, no entanto, talvez mais rapidamente do que se esperava, a um modelo que passou também a integrar cursos, conferências e outras atividades, de toda a ordem, tendentes a ir ao encontro da procura entusiasta que se verificava por parte das pessoas de idade.

Ao princípio chegou-se a pensar que não iam ter grande sucesso, mas não foi assim. As Universidades da Terceira Idade começaram a ter uma expansão inesperada, foram um verdadeiro “boom”. Os idosos daquela altura, tal como os de hoje, viram que tinham importância para um grupo da sociedade e que tinham um espaço onde podiam explorar habilidades e enriquecer os seus adormecidos conhecimentos.

Uns anos depois já existiam quase 60 Universidades da Terceira Idade em toda França. Posteriormente este projeto chegou a Inglaterra mas não entrou dentro das Universidades Ortodoxas, só em associações envolvidas com o voluntariado. No modelo francês o ensino é superior, os professores são remunerados, sendo estes professores de outras faculdades e os alunos também contam com formação superior. O modelo inglês varia do francês, pois os professores são voluntários, não são necessariamente professores universitários, aos alunos não é obrigatório as terem formação superior e o ensino é informal.

4.2. As Universidades da Terceira Idade na atualidade

Na atualidade os dois modelos da Universidade da Terceira Idade estão em vigor. Em França, Bélgica, Canadá, Espanha, Suécia, Japão, Uruguai, Venezuela, Chile, Colômbia, Equador, México Brasil e todos os países com influência francesa, obviamente utilizam o modelo francês. Países como o Reino Unido, Austrália, Alemanha, Portugal usam o modelo inglês. Alguns países como Itália, Polónia, Nova Zelândia e Estados Unidos de América têm os dois modelos nas suas Universidades da Terceira Idade. No caso da China, não entra em nenhum dos modelos porque o seu objetivo é unicamente alfabetizar e dar qualidade de vida, o bem-estar e a velhice bem-sucedida não tem grande importância dentro desta cultura oriental.

Benjamin Franklin em 1727 teve a ideia de criar um grupo de discussão integrado só por adultos, sendo a primeira raiz da grande árvore que hoje é a educação para adultos na América.

Mais recentemente, e dentro do século XX, Lemieux (1997) explica que a educação da Terceira Idade passou por três fases:

- 1963: nos Estados Unidos de América faziam-se atividades culturais universitárias para o ócio.
- 1973: realizavam-se ciclos de conferências universitárias.
- 1985: adotou as normas do ensino universitário.

Certamente Debert (1997: 60) explica que a Universidade oferece aos seus participantes a possibilidade de ampliação do círculo de amizade com um grupo específico de pessoas, especialmente com aquelas interessadas a partir de uma certa idade, em ampliar a sua instrução e ilustração. Da mesma forma Bayley (1994: 95) alega que as Universidades da Terceira Idade permitem dar o direito de todo o adulto ser, participar, contribuir como protagonista do desenvolvimento da comunidade, dar e receber, tomar decisões, cultivar novas amizades, tornar mais rica, digna e humana a vida.

Da mesma forma, o autor anteriormente citado considera que existiam objetivos dentro dessas instituições:

- Recuperar o valor social, cultural, moral e económico do adulto,
- Atualizar o adulto, promovendo a autoestima e permitindo uma vida mais útil e plena,
- Alcançar saúde física, psíquica e bem-estar social por meio de educação,
- Realizar reciclagem profissional do adulto, capacitando-o para o trabalho,
- Permitir acompanhar o avanço tecnológico e as mudanças que se operam no mundo.

Algumas destas propostas de Bayley estão em consonância com a teoria defendida por Moreno, principalmente na informação e na atualização dos indivíduos que frequentem estes locais de estudo.

Tomando em conta as anteriores propostas, seria oportuno citar o Regulamento Geral das Universidades da Terceira Idade o qual menciona no seu Artigo 5 os fins destas instituições:

- Promover a melhoria da qualidade de vida dos seniores;
- A realização de atividades sociais, culturais, de ensino, de formação, de desenvolvimento social e pessoal, de solidariedade social, de convívio e de lazer, preferencialmente para maiores de 50 anos;
- A participação cívica e a auto-organização dos seniores, principalmente após a reforma;
- A educação para a cidadania, para a saúde, para a tolerância, para o voluntariado e para a formação ao longo da vida;
- Colaborar na investigação académica e científica na área de gerontologia e da andragogia;
- A divulgação dos serviços, deveres e direitos dos seniores;
- A fomentação do voluntariado, na e para a comunidade.

Nas Universidades da Terceira Idade pode encontrar-se uma grande multiculturalidade. Não só na diversidade de idades que aí se podem encontrar, senão

também nas diversas áreas em que são especialistas os alunos e até das distintas nacionalidades que podem ter. Ali podem encontrar-se infinidade de histórias de vida, de grandes projetos com sucesso, de experiências que trouxeram bons e até nem tão bons resultados. A presença de homens e mulheres, sem importar a sua condição religiosa, política, social nem económica. Esta situação deve-se a que no citado Regulamento Geral das Universidades da Terceira Idade, no seu Artigo 7 se estabelece que é dado preferência aos maiores de 50 anos na frequência das Universidades da terceira idade, tendo em conta a não discriminação por motivos de género, escolaridade, convicções ideológicas e pessoais, da situação económica ou da condição social.

As Universidades da Terceira Idade tiveram e continuam a ter um grande impacto nesta faixa etária. Ao longo da história têm sido muitos os comentários dos próprios alunos e muitos coincidem em que as múltiplas atividades os têm ajudado a recuperar a sua autoestima e a autoconfiança, a vontade de viver, explorar as suas habilidades desconhecidas até ao momento de entrar na UTI, ter relacionamento com pessoas de diferentes idades e diversas ocupações antes da reforma e ter uma boa disposição perante a vida e as pessoas que os rodeiam.

As UTIs, perante tais características e objetivos acabam por ser atrativas para os idosos, pois não têm nada a ver com os Centros de Convívio ou Centros de Dia. As UTIs outorgam conhecimentos de maneira informal, mas o facto de não existirem avaliações não quer dizer que o processo de ensino e aprendizagem seja de baixa qualidade. Um certificado não diz nada nesta idade; diz mais o aproveitamento que se pode ter com as aprendizagens, com o intercâmbio de pontos de vista e com a socialização.

Ao rever alguns regulamentos dos centros de convívio conseguiu-se evidências de que existem objetivos em comum dentro destas instituições. Por exemplo, no Regulamento Interno do Funcionamento do Centro de Convívio de Lamego, no seu Artigo 1 define o que são estes centros como uma resposta social, desenvolvida em equipamento, de apoio a atividades sócio recreativas e culturais organizadas e dinamizadas pelos mais idosos. Destina-se, essencialmente a pessoas idosas/reformadas de ambos os sexos.

Seguidamente, no Artigo 2 estabelece os objetivos:

1. Proporcionar a criação de serviços permanentes e adequados ao bem-estar das pessoas idosas, fomentando a vida de relação;
2. Contribuir para o estabelecimento ou retardamento do processo de envelhecimento, mantendo e/ou desenvolvendo as capacidades existentes.
3. Prestar apoio adequado as famílias no sentido de fortalecer a relação intrafamiliar e/ou incentivar os laços familiares;
4. Promover e estimular as relações adequadas entre os utentes;
5. Contribuir para a manutenção do idoso no seu meio habitual de vida;
6. Apoiar os utentes na gestão dos seus rendimentos;

Posteriormente no Artigo 7 enumera os deveres da instituição perante os utentes:

1. Proporcionar um espaço aos utentes;
2. Promover a imagem positiva dos utentes e contribuir para um novo conceito do envelhecer como forma orientada para a vida;
3. Garantir a prestação de serviços adequados à satisfação de algumas das suas necessidades tendo em vista a manutenção da sua autonomia;
4. Estimular o convívio entre os utentes;
5. Assegurar apoio psicossocial, tendo como objetivo o ajustamento do indivíduo a si próprio e à comunidade onde se encontra inserido;
6. Fortalecer o espírito de convívio e confraternização promovendo a intensificação do relacionamento entre os utentes e a coletividade;
7. Proporcionar transporte para algumas atividades e organizar outras de interesse dos utentes.

No caso do Regulamento do Centro de Convívio de Mangualde, os objetivos, são muito similares aos do Centro de Lamego:

1. Satisfazer as necessidades básicas dos utentes;
2. Contribuir para a estabilização ou retardamento das consequências do envelhecimento;
3. Prevenir o isolamento, através da promoção de relações interpessoais, interinstitucionais;
4. Contribuir para retardar ou evitar a institucionalização;
5. Proporcionar momentos de convívio e lazer através de atividades ocupacionais;
6. Contribuir para a prevenção de situações de dependência, promovendo a autonomia;
7. Contribuir para a manutenção do idoso no seu meio habitacional.

Ao observar nos diferentes objetivos e características dos Centros de Convívio, só existe um ponto em comum com as Universidades da Terceira Idade: criar relações interpessoais e de socialização entre os membros. Mas existe uma notável diferença: os centros de Convívio são destinados a idosos que têm dependências físicas ou mentais e para permitir algum descanso as famílias destes idosos. Nos Centros de Dia trabalham terapeutas especializados, enfermeiras, assistentes operárias, médicos, psicólogos, auxiliares de enfermagem, assistentes sociais, fisioterapeutas. Nas Universidades da Terceira Idade trabalham professores Universitários com mestrados e doutoramentos. É um grande erro pensar que as UTIs e Centros de Convívio / Dia são a mesma coisa. Certamente são instituições destinadas aos idosos mas as finalidades de cada uma opõem-se radicalmente. Nos Centros de Convívio participam idosos que têm pouca ou nenhuma autonomia, enquanto nas UTIs os idosos têm autonomia tanto física como psicológica, sendo a única debilidade os poucos conhecimentos das novas tecnologias da informática, motivo que com mais persistência leva a frequentar as aulas.

As Universidades da Terceira Idade certamente ocupam o tempo livre dos idosos, mas também proporcionam grandes vantagens no seu dia-a-dia:

- Pôr em prática a formação ao longo da vida;
- Promover o multiculturalismo;
- Capacitar intelectualmente os idosos;
- Integrar a Terceira Idade na sociedade atual;
- Incluir a Terceira Idade em atividades culturais;
- Fazer sentir ao idoso que ainda é útil e tem muito para dar;
- Criar a cultura do envelhecimento digno;
- Reforçar a autoestima do idoso.

Em relação a este comentário, Sodré (2009: 5) afirma que o processo de envelhecimento gera um isolamento no idoso, a Universidade da Terceira Idade vem com a proposta de interação, socialização, desenvolvimento e informação para que haja um envelhecimento saudável e com isso a formação de novos papéis do idoso na sociedade. Em concordância com estas palavras, Palma (2000: 17) afirma também que muitas pessoas idosas não sabem como ocupar qualitativamente o tempo livre aplicado, o que pode conduzir à degradação e, inclusive, ao isolamento.

A qualidade de vida também poderia ser um ponto em comum entre as UTIs e os Centros de Convívio.

Segundo um estudo realizado por Vecchia (2005: 249) e depois de ter efetuado a pergunta O que é a qualidade de vida para o (a) Sr. (a)? As opiniões foram as seguintes:

- *“Ter um bom convívio social com todos, particularmente com vizinhos e amigos; um bom relacionamento familiar, incluindo uma boa criação e educação dos filhos e netos; capacidade para estabelecer contactos com as pessoas e fazer novas amizades; e um bom relacionamento com o cônjuge”.*
- *“Ter uma alimentação equilibrada; dormir adequadamente; praticar desportos; e não usar fármacos só o indispensável para a manutenção da qualidade de vida”.*
- *“Ter motivação para as atividades diárias e para novas atividades e/ou desafios; tranquilidade; satisfação com a vida; bom humor e estabilidade emocional, mesmo em situações desfavoráveis”.*
- *Conquistar a vida com qualidade e ter um bom salário; saber utilizar o dinheiro sem fazer dívidas; poder comprar alimentos, vestuário, eletrodomésticos e automóveis; ter conforto; ter casa própria; poder consultar médicos particulares e comprar os remédios necessários”.*
- *“Viajar, passear, andar de bicicleta, ouvir música, dançar, plantar, pescar, fazer churrasco, encontrar amigos, jogar cartas, cuidar de animais de estimação e fazer algum tipo de artesanato como bordado, tricô ou croché”.*
- *“Qualidade de vida é, também, ter religião e fé.*
- *Praticar o bem junto ao seu semelhante e saber que é honesto, não prejudicando, mas ajudando o semelhante, e cumprir adequadamente as suas obrigações”.*

- *Poder ler e estudar ou mesmo ter estudado no passado”.*
- *“Poder viver em locais seguros e despoluídos, como se preserva ainda no campo, viver num ambiente não poluído e sem violência”.*
- *“É uma condição variável de pessoa para pessoa.*

Portanto, a qualidade de vida é um conceito, segundo estes testemunhos feitos num estudo, que se adapta quase na perfeição às UTIs; claro que o idoso dos Centros de Convívio obtém qualidade de vida, mas é de uma forma diferente porque está dirigido especificamente à motivação do exercício físico, prevenção de doenças hipocinéticas, melhoria das competências motoras e mentais. As UTIs procuram uma melhoria da qualidade de vida com a aquisição de conhecimentos ou pondo em prática os obtidos previamente. Os alunos recebem um grande estímulo por parte dos professores e até dos mesmos colegas, elevando assim a sua autoestima.

As participações dentro das aulas permitem criar um ambiente de intercâmbio de ideias e pareceres muito produtivo. Cada ponto de vista enriquece a aula e estas deixam de ser catedráticas onde só fala o professor e passa a criar-se um ambiente onde todos fazem valiosos aportes, não só de temas históricos, senão também da atualidade.

Segundo Ferreira (2006) as atividades das UTIs dividem-se em cinco grandes grupos:

1. Aulas teóricas e práticas em sistema no formal (sem avaliações e certificação), incluem as aulas de Línguas, Saúde, História, Informática, Pintura, Olaria, etc.
2. Atividades de motricidade (ginástica, dança, natação, yoga, etc.).
3. Passeios e convívios.
4. Atividades de lazer (teatro, coro, música, pesca, clube de leitura, etc.
5. Atividades de voluntariado (guias em museus, em cidades, em IPSS, etc.)

Apesar do antes exposto, há quem continue a pensar que as UTIs são uma espécie de Centros de Convívio mais desenvolvidos. Chamar às Universidades da Terceira Idade como Centros de convívio chega a ser ofensivo. É mais do que evidente que isto não é assim, pois a falta de autonomia, entendida como a habilidade de controlar, lidar e tomar decisões pessoais sobre como se deve viver diariamente, de acordo com as suas próprias regras e preferências, que se evidencia nos Centros de Convívio, não está presente nas UTIs.

Nas Universidades da Terceira Idade consegue-se demonstrar que envelhecer não diminui a capacidade intelectual. Nas salas de aulas das UTIs podem encontrar-se:

- Grandes conhecimentos e experiências produto de vivências, as quais muito contam;
- Um processo de aprendizagem mais lento, mas significativo como o de qualquer jovem;

- Dificuldades físicas como são visão e audição, o que às vezes complica a aula de informática, porque não conseguem ver o que está no ecrã, e em relação À audição, ultrapassam esta situação ficando mais perto do professor.

Graças às UTIs, os idosos podem incluir-se na sociedade e as restantes pessoas devem assumir que existem possibilidades de novos papéis sociais para estes, e que os idosos podem e devem manter-se ativos, sem esquecer que ainda continuam a ter plena capacidade de discernir o que está correto ou não. Em relação a esta ideia, Castro (2002: 68) acrescenta que os velhos precisam de um espaço de debate que torne possível uma resinificação do seu eu. Algo que lhes permita relançar o desejo e manter o olhar sobre si.

Segundo Veras & Camargo (2003: 57) entre as instituições públicas, a Universidade é, no momento, a mais bem equipada para responder a estas necessidades (...) Ali, os idosos, além de receberem assistência e participarem de atividades culturais e de lazer, constituem um campo inestimável para pesquisas em várias áreas do conhecimento, ajudando assim na formação de profissionais de alta qualificação e estimulando a produção de conhecimentos sobre o envelhecimento humano.

Na América Latina, segundo Bayley (1994), também tem crescido com muita força o projeto das UTIs, e a educação permanente começou a ter importância dentro das políticas de Estado. Por exemplo, a UNI3 em Montevideo, Uruguai, surgiu em 1983. Esta Universidade tem como parâmetros ser laica, gratuita e universal (onde os alunos nem sequer pagam alguma anuidade), e está aberta ao público sem nenhum tipo de discriminação. A UNI3 tem como finalidade:

- Dar o direito a todo o adulto de ser, participar, contribuir como protagonista do desenvolvimento da comunidade;
- Dar e receber, tomar decisões;
- Cultivar novas amizades;
- Tornar mais rica, digna e humana a vida.

Dentro dos objetivos desta instituição estão:

- Recuperar o valor social, cultural, moral e económico do adulto;
- Atualizar o adulto, promovendo a sua autoestima e permitindo ter uma vida mais útil e plena;
- Alcançar saúde física, psíquica e bem-estar social por meio de educação;
- Realizar reciclagem profissional do adulto, capacitando-o para o trabalho;
- Permitir acompanhar o avanço tecnológico e as mudanças que se operam no mundo.

No caso de Lisboa estão a ULTI, Universidade de Lisboa para a Terceira Idade e a USILA, Universidade Sénior e Intergeracional de Algés, tendo ambas como diretora a Doutora Emília Noronha. Os alunos desta Universidade tem o direito de:

- Frequentar o número de disciplinas que a Administração estabelecer para cada ano escolar e por utente;
- Ter cartão de frequência da ULTI;
- Eleger e ser eleito para funções de coordenador de turma;
- Participar em todas as iniciativas de carácter cultural, nomeadamente festas, colóquios ou seminários, passeios recreativos e culturais e noutras reuniões de convívio ou de ocupação de tempos;
- Frequentar a biblioteca e videoteca;
- Ser informado do funcionamento das diversas atividades da ULTI.

Mas os alunos também têm uma serie deveres, os quais são:

- Tratar com correção e respeito o pessoal da ULTI e do Centro Paroquial ou de quaisquer outras instalações que à ULTI sejam cedidas, acatando as ordens e orientações dos mesmos;
- Não danificar e fazer utilização moderada das instalações, tendo sempre presente a polivalência dos espaços;
- Quando as instalações cedidas sejam pertença de instalações religiosas, deverá procurar enquadrar-se no espírito dessas mesmas instituições.
- Tratar com correção os professores e os outros utentes e ser solidário nas relações com eles;
- Ser pontual quer quanto às aulas quer em relação a outras iniciativas culturais da ULTI a que tenha aderido;
- Avisar previamente, sempre que possível, da sua não comparência;
- Avisar, com certa antecedência e sempre que possível, os professores e o pessoal da ULTI da desistência da frequência às aulas ou a outras atividades.

Portanto, entre todos os objetivos e finalidades que têm as Universidades da Terceira Idade, também têm de demonstrar aos alunos e ao resto da população que os idosos que frequentam estas casas de estudo são autónomos, pois têm capacidade de decisão, de independência e de realizar diversas atividades pelos seus próprios meios. Muitos professores pensam que os idosos são vulneráveis e pouco capacitados. Pensam até que deve existir pouca exigência e nada de pressões. Procuram ser protetores e acabam por dar um ensino paternalista. Os idosos buscam o sucesso nesta etapa da vida como qualquer jovem. Precisam de professores que congratulem o seu esforço, mas apesar disto, também precisam de professores que exerçam um verdadeiro processo de ensino e aprendizagem.

5. APRENDER ESPANHOL NA TERCEIRA IDADE

5.1 Aprender uma segunda língua

Na Terceira Idade tem sido um verdadeiro desafio aprender uma língua estrangeira. A língua e a literatura espanhola e Ibero-americana têm desde algum tempo uma grande expansão em todo o mundo e Portugal não escapa a esta situação. Devido a este fenómeno, os alunos da Terceira Idade não só têm de ultrapassar diversos fatores físicos, psicológicos e sociais, senão também desafiar a sua própria autoestima e motivação.

De Grève e Passel (1975: 17) afirma que realmente as condições físicas e mentais, em que se acha a pessoa que aprende uma língua estrangeira, diferem profundamente das de uma criança que se integra progressivamente no sistema da sua língua.

Muitos autores defendem o parecer que aprender uma outra língua é muito mais simples na infância e na adolescência do que na terceira idade, mas adquirir conhecimentos numa língua nesta fase da vida só trás consigo grandes benefícios. Entre os muitos benefícios está a inserção na sociedade. Os alunos que contam com algumas possibilidades económicas e que contam com boas reformas, têm a capacidade de ser turistas e conhecer novas culturas, e dominando uma língua estrangeira têm a oportunidade do intercâmbio cultural; desta forma, a Terceira Idade e não só, conseguem perceber diferentes modos de interpretar a realidade. Por esta razão, quando o idoso se dispõe a aprender uma língua estrangeira é porque tem um interesse específico para o fazer, porque tem a intenção de mudar atitudes e valores praticados até o momento.

Segundo Santa-Cecília (1996: 12) aprender uma língua pressupõe a expansão da própria personalidade social e a função do professor não se limita a ensinar um modelo de língua vinculada a situações estereotipadas. O professor deve contribuir para que o aluno compartilhe seus conhecimentos com indivíduos que pertencem a distintas nacionalidades e culturas pertencentes a realidades sociais e culturais muito diferentes.

O professor de língua estrangeira terá uma função importante dentro da aula. Em princípio deve fazer pesquisa entre os alunos para conhecer quais são os interesses da turma e também quais são os interesses individuais, desta forma consegue criar estratégias que satisfaçam requisitos dos alunos e também dinamizem o contexto de ensino e aprendizagem. O professor também tem a obrigação de motivar os alunos para permanecerem na Universidade apesar das adversidades que possam surgir, principalmente a aparição de doenças crónicas ou temporárias.

Em relação a este comentário, Pizzolato (1995: 27) diz que na idade adulta a obrigatoriedade da aprendizagem de línguas deixa de partir das instituições como a família e a escola e passa a existir por motivação interna ou, pelo menos, essa obrigatoriedade torna-se mais ténue.

Diversos estudos e opiniões de especialistas e até dos próprios idosos têm afirmado que aprender idiomas vai retardar o processo de envelhecimento cerebral. Pensar, recordar, relacionar e construir frases é um exercício para afastar o Alzheimer.

Barcelo (1995: 131) estabelece que a aprendizagem de línguas é um conhecimento intuitivo implícito (ou explícito) dos aprendizes constituído de crenças, mitos, pressupostos culturais e ideias como aprendem línguas. Esse conhecimento compatível com a sua idade e nível socioeconómico é baseado na sua experiência educacional anterior, leituras prévias e contactos com pessoas influentes. Por tanto, quando o idoso decide aprender línguas ou uma segunda língua, já trás consigo certa informação que tem angariado durante toda a sua vida, seja no trabalho, com amigos ou nas viagens que em algum momento fez com fim laboral ou de lazer. O idoso raramente chega a uma aula de línguas como uma “tábua rasa”; algum conhecimento tem da língua e é aqui que o professor deve ter a capacidade de explorar tais conhecimentos, fazendo uso do construtivismo.

O enfoque construtivista enfatiza a construção de novo conhecimento e maneiras de pensar mediante a exploração e a manipulação ativa de objetos e ideias, tanto abstratas como concretas, e explicam a aprendizagem através de trocas que o indivíduo realiza com o meio.

Segundo Carraher (1986: 29) o modelo tradicional de ensino foca-se na transmissão de conteúdos. A experiência da descoberta do conhecimento e do mundo em que vivemos é reduzida a informações, dados e factos que os alunos devem absorver a partir da exposição feita pelo professor. Em relação a isto, Macedo (1994: 17) também destaca que o ensino construtivista se caracteriza principalmente pela ação no lugar de transmissão. A ação pode ser entendida como a participação ou a experimentação do aluno no processo de construção do conhecimento.

É importante tomar em conta que o aluno não está inserido no contexto da língua estrangeira, tendo aulas só uma vez por semana. Isto trás muitas vezes como consequência o esquecimento do aprendido e o surgimento das misturas com a língua mãe. Cabe ao professor ajudar neste processo para nivelar esta desvantagem. Uma possível estratégia seria convidar os alunos a ouvir música, filmes e programação televisiva em espanhol.

No momento que se decide estudar ou aprender uma outra língua, muitos mecanismos começam a pôr-se em prática. Em princípio está o bom funcionamento da inteligência, mas esta é constituída por dois elementos: a inteligência fluida e a inteligência cristalizada. Na inteligência fluida existe correspondência entre os processos cognitivos básicos de todo indivíduo e também está altamente relacionada com o sistema nervoso. Esta inteligência ocupa-se do raciocínio rápido, quase instantâneo e da formação dos conceitos. A inteligência cristalizada tem relação com a cultura e com o coletivo.

A inteligência fluida pode ficar afetada por causa da idade, mas aprender uma segunda língua na Terceira Idade favorece a atividade cerebral, contribui para o exercício do cérebro e diminui a possibilidade de aparecer o Alzheimer. A inteligência cristalizada consegue desenvolver-se dentro das Universidades da Terceira Idade, precisamente pelo constante contacto com as pessoas da mesma idade, dos mesmos ambientes mas que nunca tiveram a oportunidade de trocar pareceres.

Na Terceira Idade o primordial vai ser manter a mente ativa e isto só se consegue por meio do estudo duma segunda língua. Diversos estudos realizados por um grupo de investigadores do Rotman Research Institute no Canadá tiveram como resultado que muitos idosos que são bilingues afastam o processo degenerativo do Alzheimer por alguns anos. Isto não quer dizer que anule a sua aparição, mas sim retarda o desenvolvimento da doença. Os investigadores do Centro de Investigação Pública para a Saúde de Luxemburgo também chegaram à conclusão que os idosos que falam duas ou três línguas poderiam ter um menor risco com problemas da memória.

A memória trabalha como uma espécie de mecanismo que tem quatro fases:

1. Memorização: é pôr na memória algum conteúdo através da fixação;
2. Conservação: é reter na memória a informação;
3. Reprodução: é a possibilidade de lembrar-se;
4. Reconhecimento: é a identificação da informação que um dia esteve armazenada.

A aprendizagem duma língua estrangeira tem sido um tema abordado por diversos pesquisadores da área da Linguística Aplicada. Até a Comissão Europeia tem exposto conclusões as quais estabelecem que a aprendizagem precoce de línguas, para ser eficaz, deverá ser, acompanhada de outras condições, nomeadamente a existência de professores especificamente formados para este fim; a criação de turmas reduzidas que permitam uma aprendizagem eficaz; a elaboração de materiais didáticos adequados e suficiente tempo letivo reservado as línguas.

Segundo Paiva, citado por Bruno (2002: 26) explica que a aprendizagem é um sistema dinâmico, complexo, não linear e imprevisível, pois está sujeito à influência de vários fatores como variações biológicas, de inteligência, aptidão, atitude, idade, estilos cognitivos, motivação, personalidade e de fatores afetivos, além das variações do contexto onde ocorrem os processos de aprendizagem.

Se a aprendizagem é tão dinâmica e influenciada por tantos processos, o indivíduo também deve dinamizar o aprendido através da sua prática e utilização como é no caso das línguas. Basta dizer que conhecimento que não se utiliza é conhecimento que se esquece.

Há alguns anos atrás chegou-se a pensar que os indivíduos que aprendiam uma língua a começar do zero, do nada, confirmando assim que o conhecimento era

totalmente linear, o aluno não tinha qualquer tipo de importância e muito menos a sua experiência ou o seu contacto não académico com a língua.

No caso da Terceira Idade que foi procurar de mobilizar e dinamizar tudo o aprendido ao longo da vida e que forma parte de uma UTI, o conhecimento não está estagnado, pelo contrário, está exposto a ser transformado e enriquecido pelos intercâmbios feitos nas aulas entre alunos e professores. Os conhecimentos acumulam-se toda a vida, mas eles também precisam de reorganizar-se, depurar-se e até sanear-se e assim, descartar teorias obsoletas e fortalecer as válidas.

O behaviorismo, popularizado por Skinner em 1957, conjunto de teorias psicológicas que postulam o comportamento como o mais adequado objeto de estudo da psicologia, deu origem a teoria do estímulo-resposta e defende a posição de que a língua é um conjunto de estruturas que se adquirem com o fim de tornar um falante fluente.

O connexionismo tem como suporte a linguística cognitiva e vê a língua como fruto da experiência humana e não faz uma separação dos outros tipos de cognição. Isto quer dizer que os processos mentais ocorrem de forma paralela ou simultânea.

A teoria sociocultural, baseada no pensamento de Vygotsky afirma que a aprendizagem dum língua é um processo socialmente mediado, pois a língua é um produto cultural que faz de mediador entre os indivíduos dum sociedade. Portanto, a língua é um sistema ativo, em constante movimento e transformação pelos membros das sociedades.

Chomsky defende a teoria estruturalista e propõe que a língua é o espelho do pensamento. Schumann considera, por a sua vez, que é necessário integrar-se socialmente para aprender uma segunda língua.

Todas estas teorias são razoáveis e cada uma defende um ponto de vista particular. Cabe os investigadores orientar os seus estudos em uma delas, mas o conjunto permite esclarecer a mobilidade e dinamismo da língua e como esta pode ser adquirida e transformada pelos indivíduos ao longo da vida. Isto quer dizer que a aprendizagem da língua não pode ser linear porque vai estar influenciada por múltiplos aspetos, entre eles estão os biológicos, os psicológicos, os sociais, os culturais, os económicos e até os políticos, porque a língua sempre está em constante processo de evolução, seja qual língua for.

Cabe mencionar que Oxford (1999: 15) define as estratégias de aprendizagem como ações realizadas pelos alunos para ampliar a sua própria aprendizagem (...) ações realizadas pelos aprendizes de segunda língua e língua estrangeira para controlar e melhorar sua aprendizagem. O autor fala destas estratégias e dividiu-as em dois grandes grupos: as estratégias diretas e as estratégias indiretas.

As estratégias diretas estão vinculadas com processos de aprendizagem. Dentro das estratégias diretas estão: as estratégias de memórias, as estratégias cognitivas e as estratégias de compensação.

As estratégias de memória permitem ao aprendiz armazenar informações sobre a nova língua que está a aprender. As estratégias cognitivas são essenciais para aprender uma segunda língua, porque o aprendiz compreende um conceito e é capaz de reproduzir uma nova informação através do conceito que captou. As estratégias de compensação permitem ao aluno utilizar a língua mesmo que não tenha os conhecimentos necessários para pôr em prática essa segunda língua. Esta limitação é compensada com o uso de gestos, mímica, e sinónimos.

No grupo das estratégias indiretas, Oxford (1990: 15) menciona as estratégias metacognitivas que são as ações que os aprendizes executam para coordenar o aprendido; isto faz-se estando atento às conversas para conseguir avaliar o seu grau de compreensão da nova língua. As estratégias afetivas referem-se ao controlo que deve ter o aluno sobre as suas emoções quando tem de fazer uso da segunda língua, por exemplo respirar fundo e tentar acalmar para poder ter um desempenho razoável e fluido. As estratégias sociais permitem ao aluno pôr em prática o aprendido por meio da interação com outras pessoas e até no próprio contexto onde se fala essa outra língua aprendida.

Segundo Pires (2005) as estratégias de aprendizagem de línguas são definidas pelas seguintes características:

- Contribuem para meta principal, que é a competência comunicativa;
- Permitem ao aprendiz maior controlo sobre o seu próprio aprendizado;
- Requerem uma mudança no papel do professor, de uma atitude não mais baseada numa posição hierárquica, mas na busca da qualidade de seu relacionamento com os alunos enquanto facilitador da aprendizagem;
- São ferramentas utilizadas na resolução de um problema, no cumprimento de uma tarefa ou no atendimento de uma meta;
- São ações ou comportamentos específicos adotados pelo aprendiz para facilitar o aprendizado;
- Envolvem muitos aspetos no aprendiz, não apenas os cognitivos, mas também os sociais, emocionais e metacognitivos;
- Contribuem para o aprendizado tanto direta quanto indiretamente;
- Nem sempre podem ser observadas diretamente;
- Implicam intencionalidade e consciência por parte do aprendiz;
- Poder ser ensinadas e modificadas;
- São flexíveis, ou seja, nem sempre aparecem em uma sequência previsível ou seguindo um padrão preciso;
- São influenciadas por múltiplos fatores: grau de consciência, estágio de aprendizagem, objetos das tarefas, expectativas do professor, idade, sexo, nacionalidade, estilos de aprendizagem, traços de personalidade, nível de motivação e propósito com o aprendizado (p. 42).

Portanto na Terceira Idade, o idoso vai fazer uso de todas estas estratégias quando entra em contacto com uma segunda língua e poderia dizer-se que as estratégias sociais serão, possivelmente, as mais utilizadas devido a intenção que podem ter dentro das Universidades da Terceira Idade e nos diversos passeios que podem fazer fora de Portugal porque a sua condição de reformado assim o permite.

5.2 Evolução da aprendizagem de uma língua estrangeira

A aprendizagem duma segunda língua não é um tema novo nem um estilo de vida que se encontra na moda nos últimos tempos, é o inverso. A aquisição duma segunda língua é de longa data. As necessidades que têm os indivíduos de se comunicar com outros de diferentes línguas é um acontecimento que vem de épocas remotas.

Segundo Germain (1993) as primeiras provas de existência de ensino de uma segunda língua remonta ao ano 3000 a. C., pois os arcadianos viram-se na necessidade de aprender as línguas dos povos conquistados. Os romanos também fizeram o mesmo com os povos que eles conquistaram e aprenderam o grego como segunda língua derivado a importância do Império Grego e nunca perderam tempo em aprender línguas bárbaras como foram o celta ou o germânico.

O autor anteriormente mencionado aponta também que o primeiro manual de aprendizagem de uma língua estrangeira data do século III d. C. e que por volta do século IX na Gália (o que hoje é França) o latim era ensinado como uma língua estrangeira e o aprender era símbolo de status dentro dessa sociedade. Isto mesmo aconteceu durante a Idade Média, onde o latim continuava a ter prestígio, pois era a língua da igreja, dos filósofos, da literatura, das ciências, das artes, dos negócios e até das relações internacionais.

Ao começar o “Outono da Idade Média”, também se verifica o declínio do latim e as suas línguas vernáculas como o francês, o italiano, o inglês, o castelhano, o alemão e o holandês passaram a ter grande importância. Em conclusão, o latim torna-se uma língua morta, que deixa de ser falar para só ser escrita.

Como já foi mencionado anteriormente, o professor também tem um papel dentro da aprendizagem que o aluno, neste caso o idoso, de uma segunda língua ou de uma língua estrangeira.

Almeida (1993: 20) afirma que existem competências de professores no ensino de uma língua estrangeira. O autor estabelece que estas competências são um constructo teórico que se compõe de bases de conhecimentos informais (crenças), de capacidade de ação e de deliberação sobre como agir na sala de aula. Tais competências são: competência implícita, competência linguístico-comunicativa, competência teórica, competência aplicada e competência profissional. A competência implícita está constituída por intuições, crenças e experiências vivenciadas ao longo do processo de ensino e aprendizagem. A competência linguístico-comunicativa é a capacidade de uso

da língua alvo, envolvendo conhecimentos sobre a sua estrutura enquanto código linguístico e código social para produção e interpretação de sentidos. A competência teórica se refere às concepções teóricas de ensinar e aprender línguas e capacita o professor a ensinar de acordo com o que sabe conscientemente e que lhe permite explicar teoricamente porque ensina da maneira que ensina e porque obtêm os resultados que obtêm. A competência profissional favorece a consciencialização do professor de seus deveres, potencial e importância social no exercício do magistério.

Portanto todas estas competências devem funcionar em conjunto, de mão dada para que o processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, especificamente do espanhol, tenha sucesso. É indispensável que o professor que está encarregado do ensino de uma língua a pessoas da Terceira Idade cumpra com cada uma destas competências sem pôr nenhuma de parte

5.3. Aprender para quê

De outra perspectiva, Gardner e Lambert, citados por Pizzolato (1995:1) estabelecem que a motivação de aprender uma segunda língua se classifica em: motivação instrumental e motivação integradora. A motivação instrumental revela as necessidades técnicas e/ou profissionais do aluno tal como aprender um idioma para obter uma promoção profissional. A motivação integradora mostra o desejo do aluno em se integrar na cultura onde a língua alvo é falada.

É importante mencionar que, se bem que o professor tem um papel muito importante no processo de ensino e aprendizagem duma língua estrangeira, o aluno também é possuidor de autonomia para que este processo seja efetivo. Segundo estudos feitos por Meighan & Robert (1986: 49) existem características na aprendizagem autónoma, elas são:

- Visão dinâmica do conhecimento;
- Reconhecimento de um papel ativo do aluno;
- Relevância da motivação intrínseca;
- Promoção de desenvolvimento das capacidades de organização da aprendizagem;
- Diversificação dos recursos na aprendizagem;
- Criação de uma relação direta entre estes e o aluno;
- Envolvimento dos alunos na tarefa de avaliação.

Poderia dizer-se que a autonomia tem muita relação com a qualidade de vida e a motivação dentro da Terceira Idade, mas a memória, dentro da aprendizagem de uma segunda língua, especificamente o espanhol, é vital para que a aprendizagem seja efetiva e tenha um devido aproveitamento para os idosos.

Segundo Ferreira, citado por Sodré, Fonseca & Braga (2009: 39) a memória deve ser concebida como um processo social relacionado com a velhice, transpondo o estatuto biológico para uma construção social atravessada pela ideologia da terceira idade.

Posteriormente o autor expõe também que a memória, atualizada pela lembrança constitui uma representação que os indivíduos constroem das suas próprias vidas. A relação da memória com a lembrança está ancorada na velhice. E quando sobra mais tempo para atividades reflexivas, quando a lembrança aciona representações quase sempre ancoradas em elementos importantes, identificados no discurso, tais como a família e o trabalho.

II PARTE – Estudo Empírico

1. Introdução

Tomando em conta a importância da educação na Terceira Idade e de como as Universidades da Terceira são capazes de transformar a vida dos seus alunos, dando-lhes qualidade de vida e outorgando a oportunidade de ter um envelhecimento ativo, efetua-se um estudo empírico composto por um questionário aplicado a um grupo de alunos tanto da USILA como da ULTI.

2. Metodologia

Em relação aos procedimentos metodológicos utilizados nesta investigação, a presente pesquisa aplicou o método qualitativo. O qual tem base na compreensão de fenómenos educativos influenciados por diversos fatores, nomeadamente sociais, e por diversos sujeitos, no caso que nos compete seria a Terceira Idade. Richadon (1989: 51) afirma que estudos de abordagem qualitativa permitem descrever, analisar, compreender, classificar qualquer tipo de processo vivenciado por diferentes grupos sociais.

Para compreender a importância da educação na Terceira Idade é necessário um modelo qualitativo de pesquisa, que abranja a relação entre a pessoa Aluno – idoso), o processo (ensino e aprendizagem) e o contexto (as Universidades da Terceira Idade).

Segundo Sousa & Baptista (2011: 56) a investigação qualitativa centra-se na compreensão dos problemas analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores. Não existe uma preocupação com a dimensão da amostra nem com a generalização de resultados, e não se coloca o problema da validade e da fiabilidade dos instrumentos, como acontece com a investigação qualitativa.

Em sintonia com os anteriores autores, Minayo (1996: 21-22) explica que uma pesquisa qualitativa é um universo de significados, motivos aspirações, crenças, valores y atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenómenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Portanto, o método qualitativo não procura medir eventos, nem aplicar instrumentos estatísticos: o seu foco de interesse é bastante amplo. Seria importante mencionar neste momento que as características da pesquisa qualitativa propostas por Sousa & Baptista (2011: 112) são:

- Apresenta um maior interesse no próprio processo de investigação e não apenas no resultado;
- O investigador desempenha um papel fundamental na recolha de dados;
- O investigador tem ainda que mostrar uma grande sensibilidade ao contexto onde está a realizar a investigação;

- A investigação qualitativa é indutiva;
- A investigação qualitativa é holística;
- O significado tem uma grande importância;
- O plano da investigação é flexível;
- Utilizam-se procedimentos interpretativos, não experimentais;
- A investigação qualitativa é descritiva.

Nesta investigação optou-se pelo método qualitativo porque se está a realizar uma observação do pormenor do contexto e da aprendizagem da Terceira Idade, especificamente nas Universidades da Terceira Idade, em especial na USILA e na ULTI. Considera-se o método ideal porque permite utilizar o porquê, o como, o qual, o quando, os quais, os onde sem limitações. Da mesma maneira permite ao investigador observar os indivíduos no seu próprio contexto, tendo a facilidade de conseguir interpretar a realidade que os rodeia. Uma aproximação qualitativa permite ao investigador acercar-se da realidade dos membros da Terceira Idade dentro das UTIs.

3. Instrumentos e procedimentos da recolha de dados

A coleta de dados foi realizada entre outubro de 2011 e janeiro de 2012.

Em relação ao instrumento aplicado foi um questionário de perguntas abertas. Um questionário é uma lista de perguntas abertas que se propõe com algum fim. No caso desta investigação é obter o ponto de vista e os critérios dos idosos em relação a aprendizagem na Terceira Idade e como as UTIs oferecem qualidade de vida. Estes questionários utilizaram dados de identificação pessoal como idade, sexo, profissão, cursos de formação, estado civil, número de filhos e pessoas com quem vivem, tempo de aposentação, atividades desportivas, meios que utilizam para estarem informados, línguas que falam ou conhecem, países que já tenham visitado, domínio das novas tecnologias, finalidade de frequentar uma Universidade da Terceira Idade, satisfação dentro da Universidade, apoio familiar, qualidade de vida, pertencer à Terceira Idade.

Contactaram-se os questionados pessoalmente. Posterior a isto, marcou-se um encontro e os questionários foram preenchidos em dois momentos e sítios diferentes. Na ULTI realizou-se em sete segundas-feiras e na USILA em nove quintas-feiras.

Neste contacto os idosos foram informados sobre os objetivos do questionário. Os alunos que concordaram com tais objetivos aceitaram o questionário. Não lhes foi dado tempo específico para entregar as suas respostas, mas estiveram dentro dos limites imaginados pelo investigador.

Barros e Lehfeld (2000: 54) explicam que a utilização de questionários possibilita ao investigador abranger maior número de pessoas, facilitando a tabulação e o tratamento dos dados. Por outro lado, o indivíduo pesquisado tem mais tempo para refletir sobre as questões, além da garantia do anonimato.

Nesta mesma ordem de ideias, Ghiglione & Matalón (1992: 105) afirmam que o questionário é um dos instrumentos mais utilizados na investigação em ciências sociais (...) a aplicação do questionário a uma população ou amostra permite inferências estatísticas das hipóteses elaboradas, o que permite assim deduzir ou inventariar “atitudes, representações, comportamentos, motivações, processos” (...).

Antes de aplicar devidamente o instrumento, fez-se o ensaio do mesmo antes da sua utilização na população escolhida para tal efeito. Este passo foi indispensável porque permitiu corrigir algumas perguntas que estavam no questionário inicial.

Fortin (1999: 253) afirma que o pre-teste consiste no preenchimento do instrumento que se vai utilizar por uma pequena amostra que reflita a diversidade da população visada, a fim de se verificar se as questões podem ser bem compreendidas. O autor sugere também que as pessoas (participantes) devem anotar as suas próprias observações, críticas e sugestões, em síntese, serve para verificar:

- Se os termos utilizados são facilmente compreensíveis e desprovidos de equívocos;
- Se a forma das questões utilizadas permite colher as informações desejadas;
- Se o questionário não é muito longo e não provoca desinteresse ou irritação;
- Se as questões não apresentam ambiguidade.

Os questionários abriram o leque da investigação, permitindo conhecer histórias de vida, e como os mesmos se transformaram após a entrada numa Universidade da Terceira Idade. Embora o questionário seja um instrumento de ordem qualitativo, os resultados contribuíram para a abordagem empírica.

4. Participantes

Como já se mencionou anteriormente, a recolha de dados foi entre outubro de 2011 e janeiro de 2012. A amostra foi constituída por 52 alunos, estudantes da ULTI em São Domingos de Benfica e da USILA em Algés. Os inquiridos são 14 de sexo masculino e 38 de sexo feminino, e as idades estão compreendidas entre os 50 e os 80 anos.

5. Análise e Discussão dos Resultados

Tomando em conta os resultados obtidos dos questionários aplicados aos alunos da ULTI e da USILA, temos que foram aplicados 70 instrumentos, onde só 52 deles são válidos dado que os restantes instrumentos não foram devolvidos ao investigador. Nos 52 questionários conseguiu-se observar que 14 foram respondidos por homens, formando o 27% da população observada e 38 mulheres que formam o 73% restante. Cabe mencionar que 100% dos inquiridos estão reformados.

Em relação as idades dos participantes da investigação temos que 13 alunos nasceram entre 1930 e 1940, dos quais 4 são homens e 9 são mulheres. 31 alunos nasceram entre 1940 e 1950, dos quais 7 são homens e 24 são mulheres. E no último grupo encontram-se 8 alunos que nasceram entre 1950 e 1960, dos quais 3 são homens e 5 são mulheres. Com estes resultados pode-se observar que é maior o número de mulheres que se interessam por frequentar as Universidades da Terceira Idade sendo significativa a diferença (*vide* Anexo 1).

Os estados civis dos sujeitos da investigação são variados. 6% dos alunos são divorciados, 12% são viúvos, 9% são solteiros e 73% estão casados, o que quer dizer que uma alta percentagem de alunos inscritos nas Universidades da Terceira Idade encontram-se na companhia do seu cônjuge o que indica que não é a solidão o que leva a estes idosos a frequentar novamente as aulas depois de já o ter feito ao longo da vida, tanto formação académica como profissional (*vide* Anexo 2).

Os sujeitos nas suas respostas deram grandes aportes quando definiram o número de pessoas do seu agregado familiar. 27% dos alunos vivem sozinhos, 56% vive com o cônjuge e 17% mora com o cônjuge e os filhos. Estes resultados revelam que alguns idosos ainda continuam a apoiar economicamente os filhos, prolongando assim a sua função de pais, o que demonstra que o impacto económico da sociedade atual atinge os mais velhos por se encontrar com algum compromisso em ajudar os filhos (*vide* Anexo 3).

No aspeto da saúde, os resultados conseguiram demonstrar que 36% dos sujeitos de investigação apresentam dificuldades visuais, 3% auditivas, 5% motoras, 5% revelou ser diabético, 17% afirma padecer de alergias e 7% têm na atualidade cancro (*vide* Anexo 4). A dificuldade na visão é uma problemática certamente nas aulas de informática, devido a que as informações aparecem em tamanhos reduzidos nos ecrãs, o que dificulta o desenvolvimento das tarefas. O professor pode ajudar maximizando as páginas web e também convidando-os a estarem um pouco mais perto do ecrã. Os alunos que afirmaram padecer de cancro demonstraram que não se deixam intimidar pela doença e continuam o seu dia-a-dia, pois o contacto com o resto dos alunos e os professores é uma espécie de incentivo para não se deixar ir abaixo. Apesar da limitação de saúde que possa ter um doente de cancro, as Universidades da Terceira Idade conseguem proporcionar ainda muita qualidade de vida e a oportunidade de sentir que ainda é válido e que neste momento está a passar por uma prova mais imposta pela vida, mas que com certeza há-de ultrapassar (*vide* Anexo 3).

O grau académico ou escolaridade também trouxe variados resultados entre os participantes. Em princípio, 50% dos alunos têm Licenciaturas em diversas áreas, 24% tem Mestrados, 3% dos alunos são Doutorados, 12% obteve o Curso Comercial, 3% chegou ao 12º ano de escolaridade, 6% são bacharéis e 2% atingiu só o 4º ano de escolaridade (*vide* Anexo 5). Estes resultados querem dizer que uma elevada percentagem dos idosos, apesar de terem formação académica, frequentam as Universidades da Terceira Idade para realizar novas aprendizagens e possivelmente

exercitar o que já foi aprendido em algum momento da vida através do intercâmbio de ideias e pareceres dentro da sala de aulas. Neste caso o papel do professor é criar um ambiente propício para desenvolver um tema que consiga atingir conhecimentos e experiências dos alunos, conseguindo fazer na aula uma fusão perfeita do empírico com as novas aprendizagens (*vide* Anexo 4)

Nas Universidades da Terceira Idade também se pode observar a variedade de profissões que tiveram os alunos no ativo. 35% foram professores, 13% exerceram a enfermagem, 15% foram advogados, 12% dedicaram-se ao secretariado, 12% foram médicos, 6% foram juízes, 3% foram militares, 2% economistas e 2% diretores de fundação privada (*vide* Anexo 5).

Outro dado importante de mencionar que se conseguiu verificar nos questionários é o tempo de aposentação que têm os alunos inquiridos. 25% está reformado há 2 anos, 12% há 3 anos, 7% há 4 anos, 26% há 5 anos, 12% há 7 anos, 13% há 10 anos, 4% há 11 anos, 5% há 12 anos, 1% há 13 anos, 1% há 14 anos, 3% há 15 anos e 1% há 16 anos. Estes dados vieram revelar que os grupos de pessoas que recentemente tem entrado na reforma, começaram a frequentar Universidades da Terceira Idade rompendo com o antigo esquema de que o aposentado fica em casa a tomar conta dos netos. Os nossos idosos têm sede de aprender, têm necessidade de refrescar conhecimentos e também de adquirir novos, como no caso da informática.

Em relação às atividades desportivas, 89% das mulheres que responderam o questionário fazem desporto com alguma frequência. Estabelece-se assim uma clara diferença já que 100% dos homens realizam algum tipo de atividade física, quer no contexto da faculdade quer fora dele.

Os meios utilizados pelos idosos para se manterem informados também foi um tema abordado no questionário. 100% dos homens atualizam-se através da Internet, da televisão e pelo jornal, e só 14% utiliza também a rádio como meio informativo. Em relação às mulheres, 100% utiliza a televisão, 89% utiliza a Internet, 81% utiliza também o jornal e 28% também obtém informação através da rádio. Isto quer dizer que nossos idosos estão constantemente informados da situação social, política e económica do país; comprova-se uma vez mais que a Terceira Idade faz parte da sociedade e continua a participar nos processos quotidianos do país. Manter-se informado permite que possam dar a sua opinião e não isolar-se da evolução das sociedades (*vide* Anexo 6).

Outro tema abordado foram os países que já foram visitados pelos alunos. Em princípio, 100% dos alunos conhecem Espanha e até a visitam com alguma frequência, o que quer dizer que a língua espanhola é muito importante porque é o meio pelo qual se consegue comunicar, e não só, também dá a oportunidade de que possam interagir com outra cultura, que apesar de ser vizinha, tem muitos elementos que diferem de Portugal. Nos questionários consegue-se observar que os alunos da ULTI e da USILA conhecem diversos países dos cinco continentes e em algum momento tiveram contacto com as distintas línguas que neles se fala, mas Espanha, por ser um país que faz

fronteira com Portugal, o acesso a ele é mais simples, por esta razão o interesse que tiveram desde o início de aprender espanhol. Possivelmente durante a sua vida ativa não tiveram oportunidade de estudar formalmente o espanhol, mas uma vez aposentados, podem dedicar algumas horas por semana para aprender não só a gramática, também diversas expressões e elementos da cultura espanhola e dos países de língua hispânica (*vide* Anexo 7).

Também no questionário se fez referência ao uso do computador, o qual revela que 100% dos alunos, nos dois casos, tanto no feminino como no masculino, utilizam as novas tecnologias com fins informativos, comunicativos e de estudo, o que revela que a Terceira Idade está em contacto com a informática, situação que não ocorria com frequência no passado. Para alguns não tem sido fácil a tarefa de aprender a trabalhar com programas como o Word ou o Excel nem com a navegação em Internet, mas com algum esforço e com a boa disposição dos alunos, têm conseguido atingir tal objetivo. Portanto, hoje em dia temos uma Terceira Idade atualizada que aproveita oportunidades e que acompanha a evolução e o decorrer da sociedade portuguesa.

Em relação a pergunta de se os alunos têm objetivos para o futuro, 100% revela que sim. Isto vem comprovar aquele poema apresentado no início da investigação, que de forma metafórica estabelece a diferença entre velho e idoso. Realmente o idoso que frequenta uma Universidade da Terceira Idade tem projetos para o futuro e tem objetivos por atingir. Os nossos idosos não estão inativos à espera do fim. Continuam a fazer pelo futuro, têm interesse de se formar e crescer ainda mais como pessoas. Chegar á reforma não é o fim do caminho, é só uma pequena paragem para rever o que foi feito e decidir o novo percurso que tem vontade de fazer. Possivelmente o velho fica a olhar só para o passado, para fazer uma autocrítica do que não fez ou do que não fez com verdadeira qualidade. O idoso tem a capacidade de ter aprendido com os seus erros e dar a entender às novas gerações que é bom errar e saber aceitar e corrigir.

Também foi abordada no questionário a finalidade de frequentar uma Universidade da Terceira Idade. Os participantes nas suas respostas revelaram que 100% está á procura de formação de novas aprendizagens, de rever algumas teorias e de se atualizar nas novas tendências. 38% dos inquiridos não só se interessam pela formação, também procuram o convívio com membros da sua geração. Poder-se-ia dizer que a formação e convívio têm o mesmo peso. Da mesma forma, 100% dos sujeitos afirmam sentirem-se bem com pessoas da sua idade, porque têm vivências em comum, porque conseguiram assistir a situações similares, alguns em contextos diferentes porque são filhos de imigrantes ou porque estavam fora de Portugal por razões de trabalho, mas na mesma estiveram em contacto com processos históricos, políticos, económicos e sociais que marcaram sua geração, sendo eles a ponte que faz conexão entre o passado e o presente.

Outro tema que se apontou dentro do questionário foi a crítica se gostam ou não da UTI. 50% dos participantes não gostam das instalações porque consideram que são frias e pouco confortáveis, devido a que as cadeiras são incómodas e pouco adaptadas

para permanecer algumas horas sentados. 3% dos inquiridos revela o pouco satisfeitos que estão com os professores porque não comparecem com regularidade ou porque as aulas não seguem o plano e porque a participação de alguns alunos contribui para desviar o tema da aula “*o predomínio do convívio na aula sobre a atitude de aprender*”, “*sujeitava mais o decurso das aulas a fatores pedagógicos de aprendizagem*”. 26% não está satisfeito com os longos períodos de férias. Seguir o calendário do ano letivo escolar trás como consequência quase três meses e meio sem aulas. As férias são aproveitadas para fazer alguns passeios e estar com a família, mas não podemos esquecer que muitos dos familiares ainda estão no ativo e não dispõem do mesmo tempo que os seus idosos aposentados. Portanto, acabam por ter longos períodos sem estar em contacto com a aprendizagem e a formação e sem o convívio dos colegas.

Em relação ao nível de apoio familiar que os alunos tiveram para frequentar uma Universidade da Terceira Idade pode-se destacar que 100% não consultou o grupo familiar. Consideram que é uma decisão própria e que tem a ver com o crescimento pessoal.

Seria oportuno destacar que 100% dos alunos afirmaram que frequentar uma Universidade da Terceira Idade lhes proporcionou qualidade de vida, não só desde o ponto de vista da aprendizagem e da formação, também da integração e do convívio com pessoas da mesma idade. Deu a oportunidade também de comprovar que ainda continuam a ter múltiplas capacidades mentais embora as físicas já não sejam o que um dia foram.

A aprendizagem do espanhol também foi alvo no questionário. 94% dos alunos pensa que é um instrumento para socializar e conhecer outras culturas e outras formas de pensar: “*tudo quanto se aprender trás benefícios. Línguas também dão conhecimentos de outros povos e países. É uma forma privilegiada de comunicar, “há muitas pessoas da terceira idade que aproveitam esse período de vida para fazerem viagens que não puderam fazer quando estavam a trabalhar e o espanhol é-lhes útil nessas ocasiões. Mas mesmo para as que não viajam, o simples prazer de poderem ler um livro ou uma revista na língua original ou até mesmo estar a ver um filme ou um programa de televisão e compreender o que as pessoas estão a dizer é sempre melhor do que estar a ler legendas muitas vezes mal traduzidas”. “Aprender espanhol tem muitos benefícios, sobretudo para mim que gosto de viajar e também porque gosto de me corresponder com amigos estrangeiros que fiz nessas viagens. Além disso, aprender qualquer coisa é sempre uma mais-valia e contrario o velho ditado que burro velho não aprende línguas”*”.

O último tema abordado no questionário foi o de pertencer a Terceira Idade. 43% dos participantes revelou que é mais uma etapa da vida pela qual estão a passar “*Graças a Deus que cheguei até aqui e estou pronta para continuar mais esta etapa*”. 5% pensa que simplesmente é bom. 21% sente-se satisfeito por ser da Terceira Idade. 9% sente-se assustado pelo aparecimento de doenças ou por imaginar que pode ficar incapacitado

para ser autónomo. 21% sente-se deprimido porque tem vindo a observar a deterioração física progressiva o que impõe algumas limitações.

6. Limitações

Entre as limitações que surgiram durante o processo de elaboração da investigação podem-se mencionar por exemplo que a amostra só atinge um pequeno grupo da população idosa portuguesa (amostra de conveniência), o fator tempo (um semestre) não foi suficiente para abranger mais inquiridos e o facto que tenham sido questionários que foram entregues os participantes para, posteriormente devolver o investigador, atrasou o desenvolvimento da análise e discussão dos resultados.

Cabe mencionar que a investigação foi realizada conjuntamente com o exercício de funções docentes na área do espanhol, o que trouxe como consequência a pouca expansão do estudo tanto quanto era desejado.

III PARTE – Conclusões e Recomendações

1. Conclusões

Em Portugal temos idosos, que sem importar a sua idade nem a sua situação civil (solteiro, casado, divorciado ou viúvo) decidiram frequentar uma Universidade da Terceira Idade e porem em prática o processo de ensino e aprendizagem em áreas como História, Literatura, estudos olissiponenses, Direito, Psicologia, Sociologia, Ciências e Saúde, Idiomas (Inglês, Francês, Espanhol, Alemão). Apesar de terem algumas limitações físicas como por exemplo visuais, auditivas, motoras ou doenças crónicas como diabetes, os idosos fazem questão de serem participativos e fazer das aulas de espanhol, especificamente, um espaço ideal para o intercambio de ideias, pareceres, pontos de vista e aspetos culturais entre professor e alunos, precisamente porque o professor pertence a outra faixa etária e a um contexto diferente dos alunos.

Os idosos que não tiveram a oportunidade de fazer estudos superiores, seja por causas económicas ou por estarem a trabalhar ou dedicados à família, com as Universidades da Terceira Idade têm a facilidade de obter formação escolhendo eles próprios as disciplinas do sue interesse. Os idosos com um grau médio ou superior de formação ajudam no desenvolvimento das aulas, o que permite que se conviva com o multiculturalismo, com diversas realidades, experiencias de vida, funções laborais e diversas hierarquias.

O tempo de aposentação é variável. O importante é observar como a Terceira Idade frequenta com cada vez mais regularidade as Universidades da Terceira Idade. O conceito de idoso está a mudar radicalmente. É um facto que o envelhecimento desencadeia consequências nos indivíduos como aumento dos aposentados, surgimento de variadas doenças, a nulidade ou negação do apoio familiar por falta de tempo, sentimentos de insegurança e depressivos, instabilidade, solidão, ansiedade. Mas o idoso dos nossos dias lê notícias pela Internet, envia mensagens eletrónicos, pertence a redes sociais e constantemente atualiza-se porque decidiu ter qualidades de vida; decidiu ser ativo, produtivo, encher-se de energia e fazer projetos para o futuro.

Os dados levantados ao longo do estudo não só confirmaram que um elevado grupo de idosos frequentam as Universidades da Terceira Idade para partilhar com pessoas da mesma idade por terem muitas coisas em comum, também permitem observar a necessidade de estarem em contacto com novas aprendizagens, o qual lhes dá o privilégio de sentirem-se vivos, válidos e produtivos e que o seu pensamento e conhecimentos permitem criar encontros pedagógicos em cada sessão.

2. Recomendações

O presente Projeto e Investigação deverão ser-nos útil para o estudo da Terceira Idade como aquela faixa etária que todo ser humano atinge, ou pelo menos deveria atingir, e que tem grandes possibilidades de aumento nos próximos 50 anos. Isto quer dizer que devemos dirigir a nossa atenção a um grupo que durante alguns momentos da história da humanidade tem sido marginalizado por as limitações que surgem derivado ao processo de envelhecimento.

As novas gerações deveriam adotar a posição clássica em relação à velhice, aceitando assim os idosos como aquelas pessoas que conhecem a verdade, que possuem grandes conhecimentos que a experiência lhes tema dado, e não só, e que são capazes de dar sábios conselhos. Em concordância com estas palavras Bosi (1994: 39) expõe que a velhice é o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e dobram-se sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora.

BIBLIOGRAFIA

- Albarelo, L. et al. (1997). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Almeida, J. (1993). *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes.
- Almeida, L. & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia da educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Ambrósio, T. (2006). *Educação e desenvolvimento: inteligibilidade das relações complexas*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Arnhoff, D. (1964). *Concepto del envejecimiento*. Madrid: Morata.
- Barcelo, A. (1995). Crenças sobre aprendizagem de línguas. *Linguagem & ensino*. 1, 123-156.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bayley, A. (1994). *Utopía y educación: UNI3. El derecho a ser*. Montevideo: Talleres Gráficos.
- Beauclair, J. (2008). *A construção do saber: os necessários movimentos psicopedagógicos nos processos de “aprendências e ensinagens”*. Consultado em 27 de Julho de 2011, em: <http://www.gabpsicopedagogia.com>
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras.
- Carneiro, R. & Falcone, E. (2004). Estudo das capacidades e deficiências em habilidades sociais na terceira idade. *Psicologia em estudo Maringá*, 9, 119126.
- Carraher, D. (1986). *Aprender pensando*. São Paulo: Vozes.
- Castro, O. (2002). *Envelhecer: um encontro inesperado?* Sapucaí do Sul: Notadez.
- Cavalcanti, M. (1995). Idosos. *Psicoterapia comportamental*, 7, 149-158.
- Comissão das Comunidades Europeias (2000). *Memorando sobre a aprendizagem ao longo da vida*. Bruxelas.
- Corazza, M. (2005). *Terceira idade e atividade física*. São Paulo: Phorte.
- De Grève, M. & Van Passel, F. (1975). *Linguística e ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Pioneira.

- Dinis, C. (1997). *Envelhecimento e qualidade de vida no Concelho de Faro*. Coimbra: faculdade de Medicina de Coimbra (Dissertação de Mestrado).
- Estrela, A. & Ferreira, J. (org.) (2011). *Investigação em educação: métodos e técnicas*. Lisboa: Educa.
- Fernández, E. (1995). *Psicología de la vejez*. Granada: Adhara.
- Fortin, M. (1999). *O processo de investigação: da conceição à realização*. Camarate: Lusociência.
- Germain, C. (1993). *Evolution de l'enseignement des langues: 5000 ans d'histoire*. Paris: Clé International.
- Ghiglione, R. & Matalón, B. (1992). *O inquérito. Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Godotti, M. (1981). *A educação contra a educação, o esquecimento da educação e a educação permanente*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Jacob, L. (2003). *Caracterização das UTIs*. Consultado em 29 de julho de 2011 em: <http://www.rutis.org/nis>
- Lemieux, A. (1997). *Los programas universitarios para mayores: enseñanza e investigación*. Madrid: Imerso.
- _____ (1998). The university of the third age: role of senior citizens. *Educational gerontology*, 21, 337-344.
- Macedo, L. (1994). *Ensaaios construtivistas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Martins, R. (2004). *Direito a educação. Aspectos legais e constitucionais*. Rio de Janeiro: Letras Legal.
- Minayo, M. et al. (1996). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*.
- Mora, F. (2004). *Continuum: como funciona o cérebro?* Porto Alegre: Borges-Osório.
- Moreno, X. (1998). *Triunfar en la tercera edad*. Bilbao: Mensajero.
- Oliveira, P. (1996). Universidade aberta e co-educação de gerações. *A terceira idade*, 12, 6-9
- Oxford, R. (1990). *Language learning strategies: what every teacher shoul know*. Boston: Heinle & Heinle.
- Paiva, V. (2002). Modelo fractal de aquisição de línguas. In Bruno, F. (2005). *Reflexão e prática em ensino/aprendizagem de língua estrangeira*. São Paulo: Editora Clara Luz.

Petroianu, A. & Pimenta, L. (1999). *Clinica e cirurgia geriátrica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Pickles, F. et al. (1998). *Fisioterapia na terceira idade*. São Paulo: Santos.

Pinto, M. (2003). As universidades da terceira idade em Portugal: das origens aos novos desafios do futuro. *Revista da Faculdade de Letras*, 2, 467-478.

Pires, S. (2005). *Aspectos afectivos nos processos de ensino e de aprendizagem de língua estrangeira na média-idade*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Tese de pós-graduação em Letras).

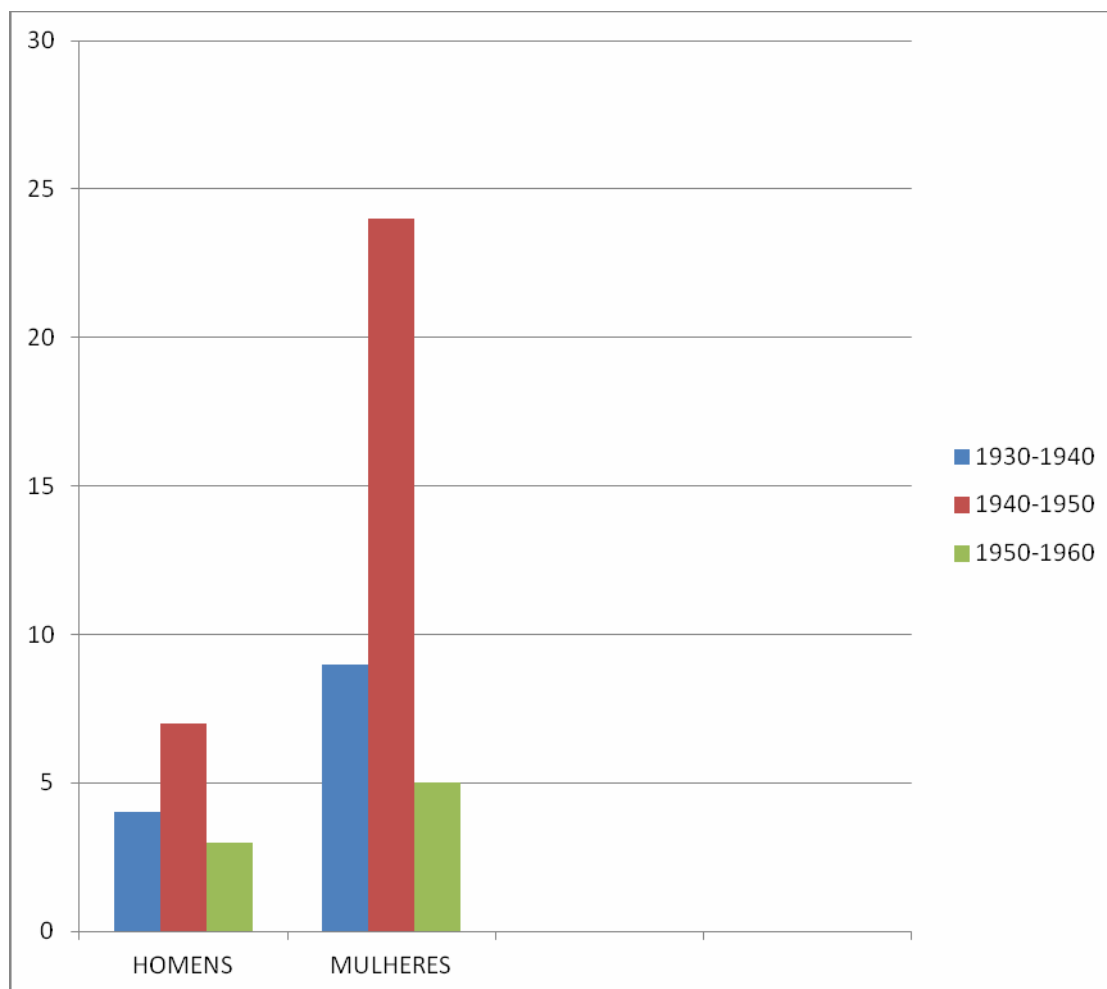
Rebelatto, J. & Morelli, J. (2004). *Fisioterapia geriátrica: a prática da assistência ao idoso*. São Paulo: Barueri.

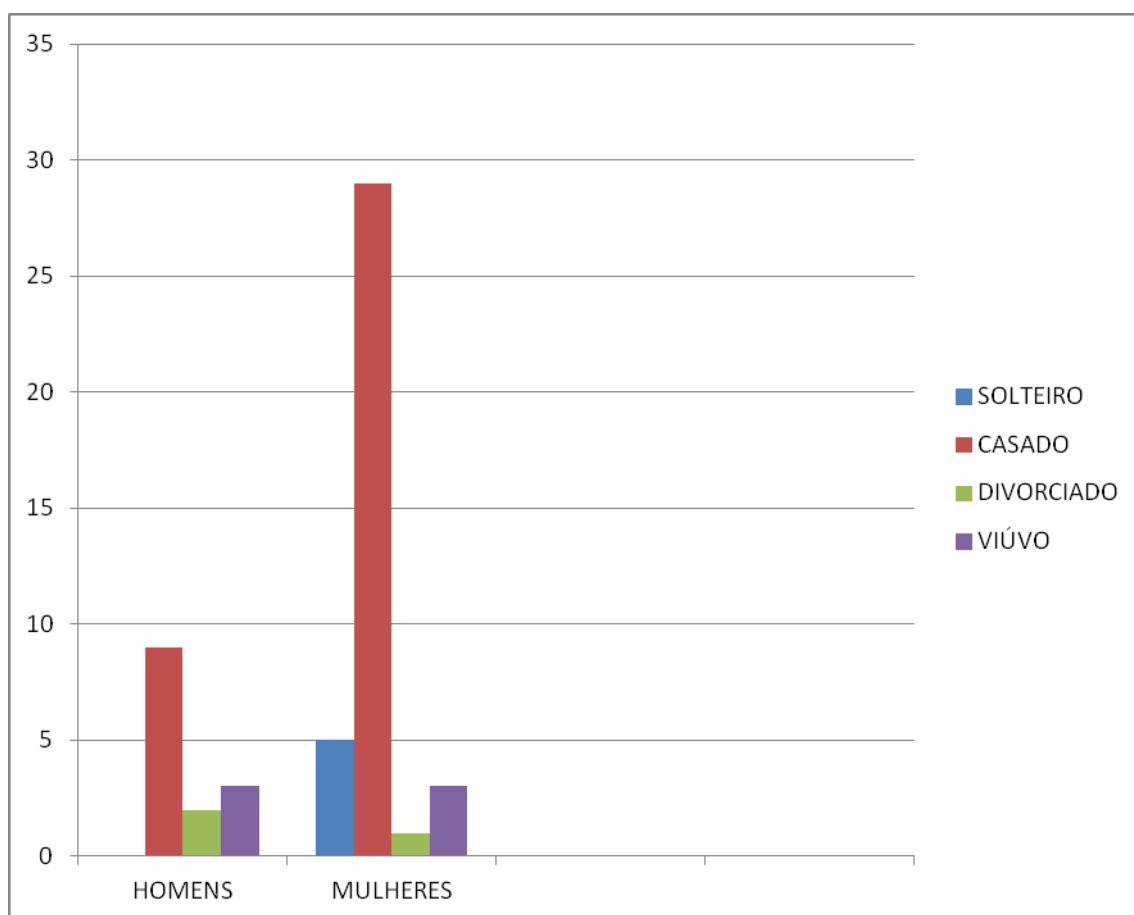
Regulamento interno do funcionamento do Centro de Convívio de Lamego. Consultado em 25 de Maio de 2011: <http://centrodiocesanolamego.com>

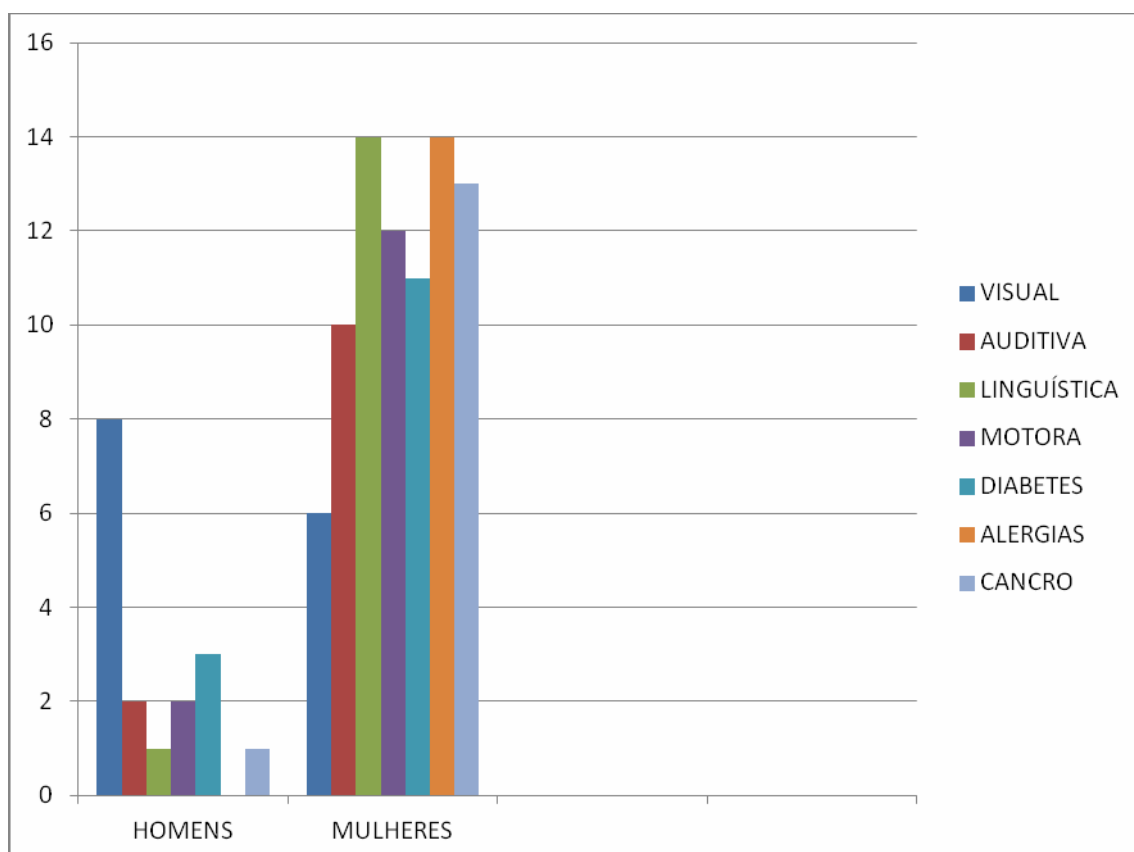
Sousa, M. & Baptista, C. (2011). *Como fazer investigações, dissertações, teses e relatórios*. Lisboa: Pactor.

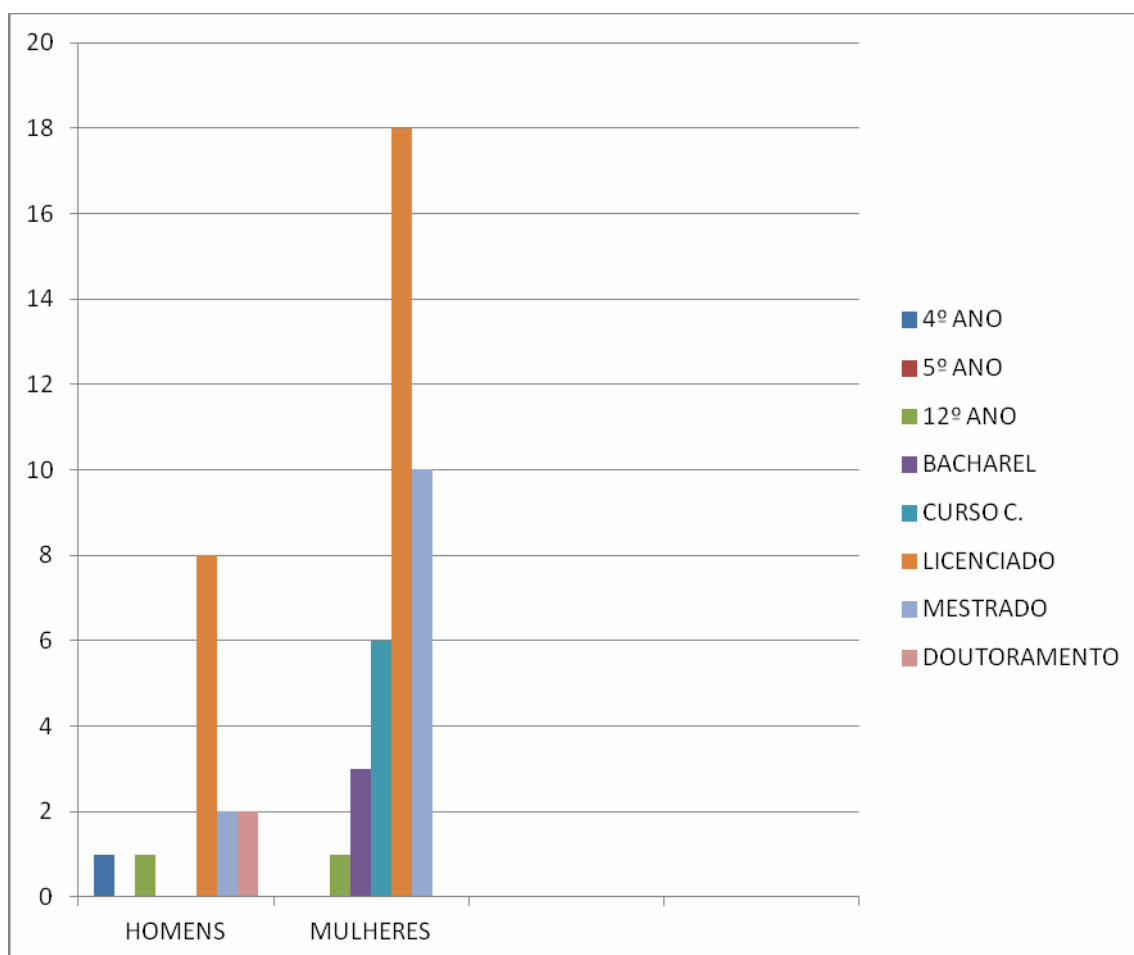
Vecchia, R. et al. (2005). Qualidade de vida na terceira idade: um conceito subjetivo. *Revista Bras Epidemiol*, 8, 246-252.

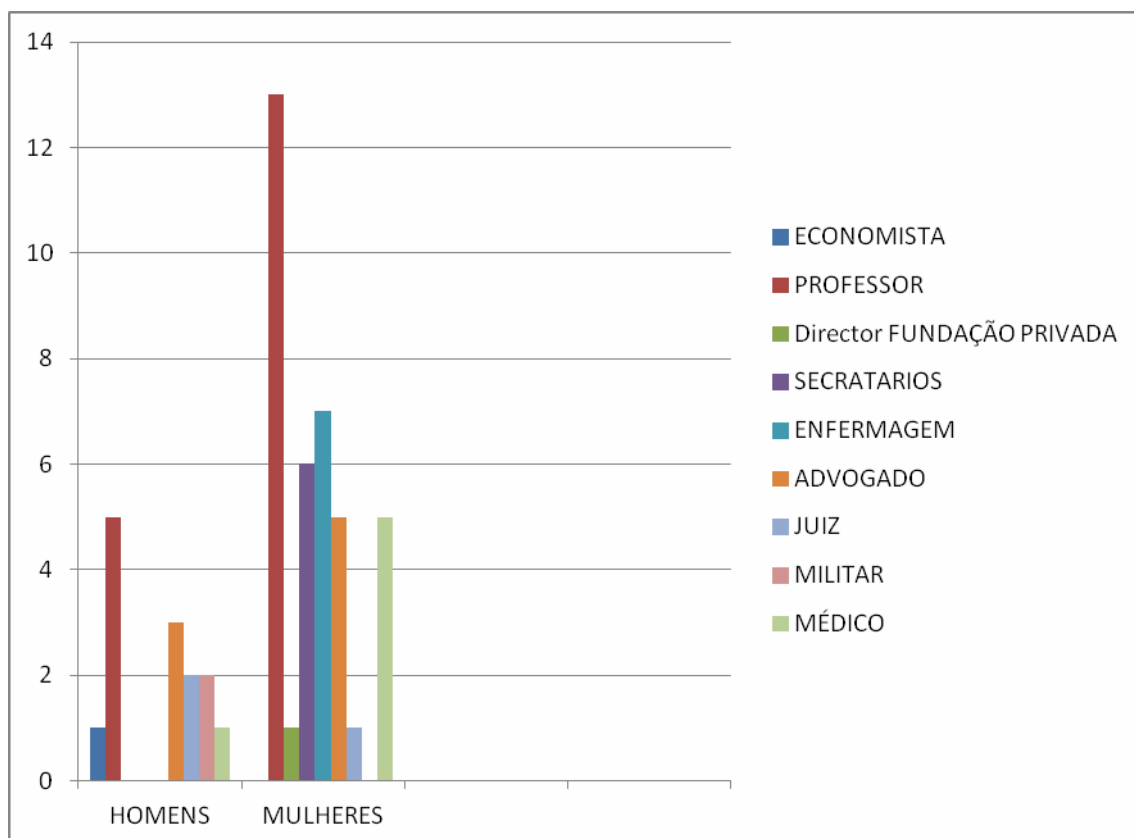
ANEXOS

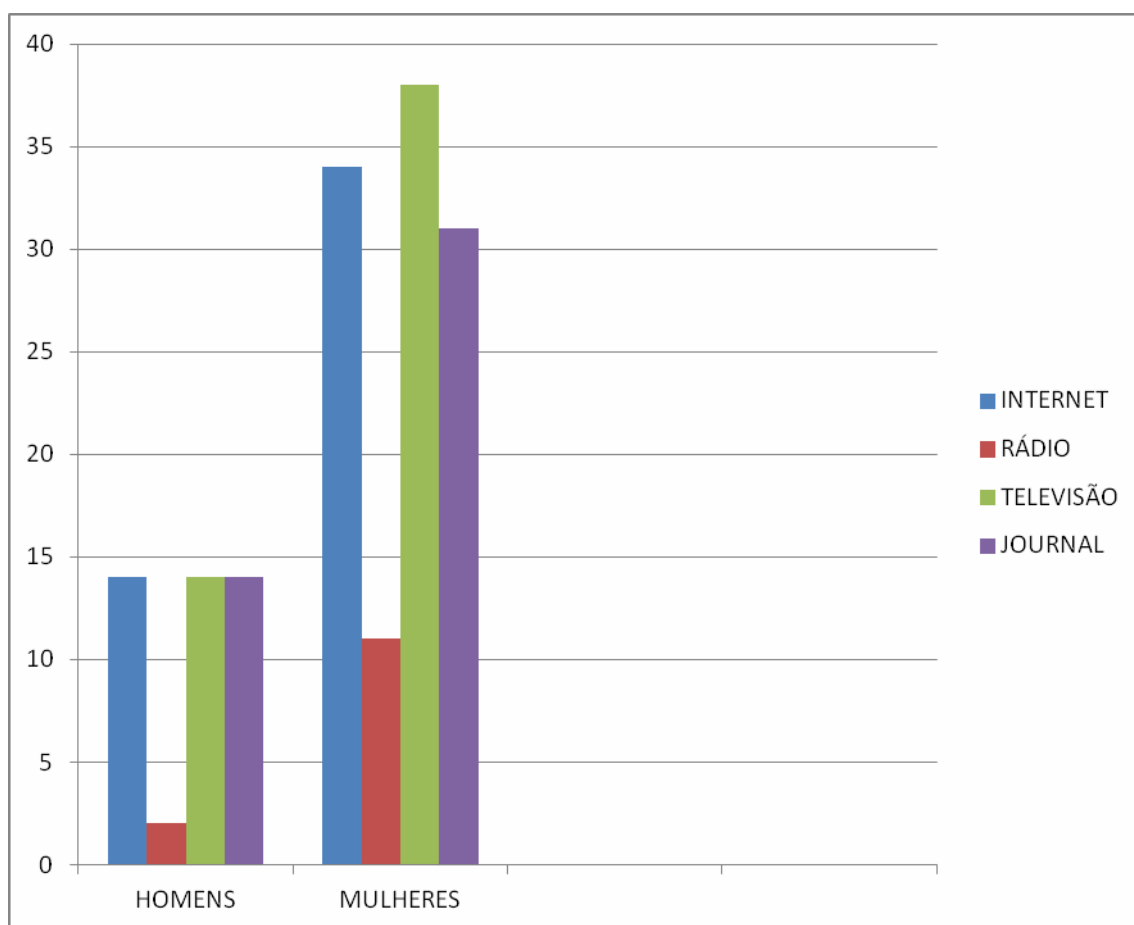
ANEXO 1**Idades dos Participantes**

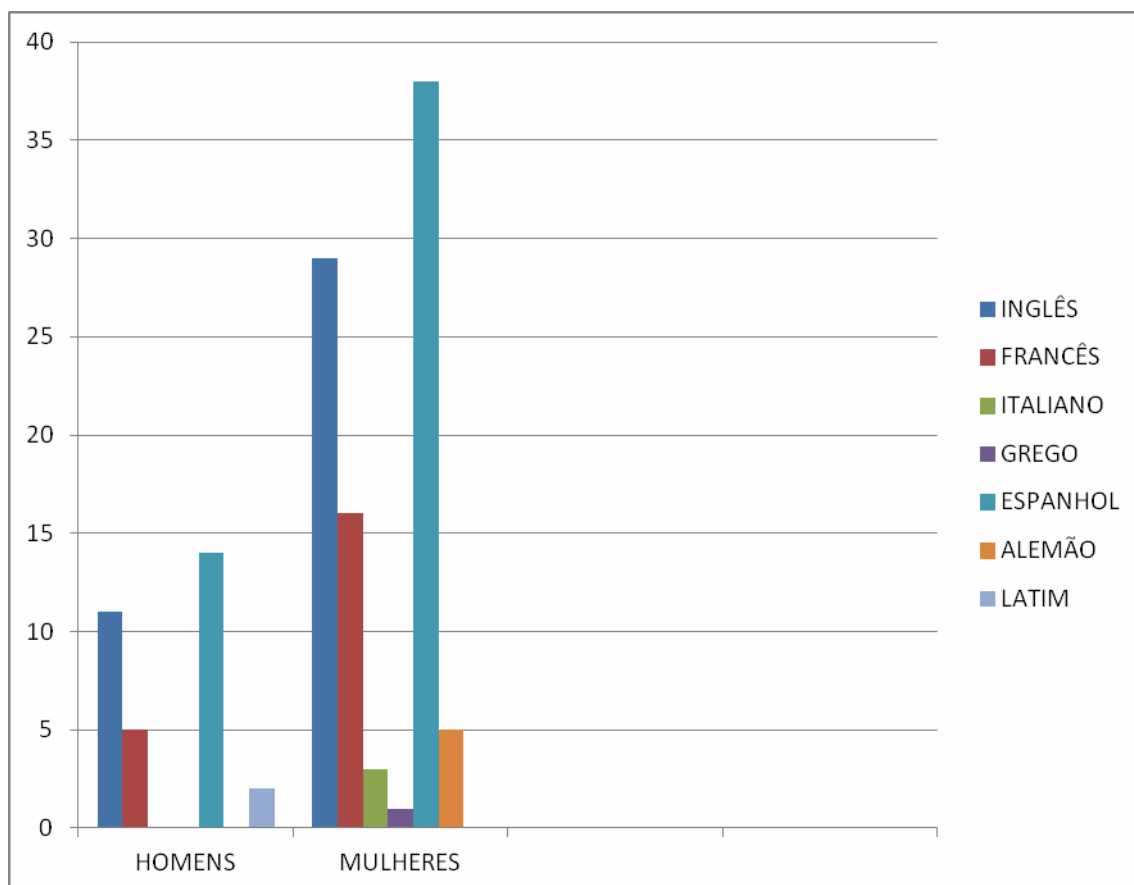
ANEXO 2**Estado Civil dos Participantes**

ANEXO 3**Limitações de Saúde dos Participantes**

ANEXO 4**Formação Acadêmica dos Participantes**

ANEXO 5**Profissões dos Participantes**

ANEXO 6**Médios de informação dos Participantes**

ANEXO 7**Idiomas que falam ou conhecem os Participantes**

QUESTIONÁRIO

Identificação	
Nome	
Data de Nascimento	
Naturalidade	
Estado Civil	
Carta de Condução	
Agregado Familiar	
Nº de filhos	
Nº de irmãos	
Pessoas com quem vive	
Saúde	
Dificuldades	Visuais () Auditivas () Linguagem () Motoras ()
Doenças	Diabetes () Alergias () Outros:
Habilitações Académicas	
Percurso Profissional	
Quando iniciou a sua atividade profissional?	
Qual era a sua função no emprego antes de se reformar?	
Desfrutava do trabalho que fazia?	
Qual foi a experiência laboral que mais o marcou?	
Está aposentado? Há quanto tempo?	
Participa em atividades desportivas, culturais ou de formação? Quais?	
Como ocupa os seus tempos livres?	
Qual é o meio informativo da sua preferência?	
Possui conhecimentos de alguma língua estrangeira? Qual?	
Onde aprendeu línguas? Há quanto tempo?	

Conhece outros países além de Portugal? Quais?
Utiliza computador? Qual é a finalidade?
Tem objetivos futuros?
Atualmente frequenta algum centro de formação? Qual?
Como conheceu a Universidade da Terceira Idade?
Qual é a finalidade de estar a frequentar aulas na Universidade da Terceira Idade?
Sente que a Universidade da Terceira Idade é um centro de convívio ou um recinto para novas aprendizagens?
Como se sente com pessoas da sua idade? Porquê?
O que mais gosta da Universidade da Terceira Idade?
O que menos gosta da Universidade da Terceira Idade?

Que mudava da Universidade da Terceira Idade?
Está satisfeito dentro da Universidade da Terceira Idade? Porque?
Teve apoio da sua família quando decidiu entrar na Universidade da Terceira Idade? Quais foram os comentários?
Sente que adquiriu qualidade de vida desde que está na Universidade da Terceira Idade? Porque?
Que sente ao pertencer a Terceira Idade?
Qual é a sua opinião da aprendizagem ao longo da vida?
Qual é a sua opinião sobre a educação na terceira idade?
Considera que aprender línguas na Universidade da Terceira Idade tem algum benefício? Porquê?

